



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

Maria Cecília de Lima

O ANTES, O DEPOIS E O PORVIR

Uberlândia/MG
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

Maria Cecília de Lima

O ANTES, O DEPOIS E O PORVIR

Memorial Descritivo apresentado ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para a promoção da classe de Professor Associado IV à classe Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme art. 3º da Portaria do MEC nº 982, de 03 de outubro de 2013, e a Resolução nº 03/2017, de 09 de junho de 2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia.

Processo SEI: 23117.020052/2023-95

Uberlândia/MG
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

L732a Lima, Maria Cecília de, 1966-
2026 O antes, o depois e o porvir [recurso eletrônico] / Maria Cecília de
Lima. - 2026.

Memorial Descritivo (Promoção a Professor Titular) - Universidade
Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2026.518>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Diretoria do Instituto de Letras e Linguística

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1U, 2º andar - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4162 - www.ileel.ufu.br - ileel@ileel.ufu.br**ATA****ATA DE AVALIAÇÃO DE DEFESA PÚBLICA DE MEMORIAL DESCRITIVO PARA A PROMOÇÃO DE DOCENTE DA CLASSE DE PROFESSOR ASSOCIADO, NÍVEL C-IV PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR, NÍVEL D-1, DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR.**

Aos dias 25 do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis, foi publicada a portaria DIRILEEL nº 564, que dispõe sobre a composição da Comissão Especial para avaliação da defesa de Memorial Descritivo apresentado pela Profa. Dra. Maria Cecília de Lima, como parte das exigências para promoção na carreira da Classe de Professor Associado, nível C-IV, para a Classe de Professor Titular, nível D-I, da Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Uberlândia. A Comissão foi designada tendo como membros titulares, a saber: 1) Profª Drª Eliana Dias (ILEEL/UFU) – (Presidente); 2) Profª Drª Simone Azevedo Floripi (UTFPR); 3) Profª Drª Cristiane Fuzer (UFSM); 4) Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca (UNESP), e como membros suplentes: 1) Profª Drª Marlúcia Maria Alves (UFU); 2) Prof. Dr. Edilson Pimenta Ferreira (IFTM); e 3) Profª Drª Alexandra Santos Pinheiro (UFGD). Aos 29 dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e seis, às 8h30min, por meio remoto, a Comissão Especial de Avaliação reuniu-se para avaliar o relatório de atividades e a apresentação de defesa pública do Memorial Descritivo, apresentado como parte dos requisitos para a promoção da Classe de Professor Associado, nível C-IV, para a Classe de Professor Titular, nível D-I, da Carreira de Magistério Superior, pela Profa. Dra. Maria Cecília de Lima, tendo como forma de ingresso à sala o link <https://meet.google.com/eao-fvoq-apd>. A candidata deu início à apresentação pública do seu Memorial Descritivo à Comissão Especial às 8h35min. Após a apresentação, os membros da Comissão arguíram a candidata, avaliando o seu Memorial Descritivo. Tendo por base os resultados da avaliação, que foram discutidos pelos membros da Comissão na ausência da candidata, e observando a Resolução nº 3, de 2017, do Conselho Diretor (CONDIR), alterada pela Resolução SEI nº 5, de 2018, do CONDIR, a Comissão Especial, após as devidas considerações, apresentou o resultado final da avaliação, considerando a candidata, Profa. Dra. Maria Cecília de Lima, APROVADA. O memorial da professora cumpre os requisitos de ensino, extensão e gestão, mais especificamente o Art. 7º, possuindo todas as qualificações necessárias para a obtenção do título de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Uberlândia. Nada mais havendo a tratar, eu, Profª Drª Eliana Dias, presidente da Comissão Especial de Avaliação, lavrei a presente ata que, após ser lida e aprovada, foi assinada por mim e pelos demais membros da referida Comissão. Atestando esse resultado, a Comissão Especial encaminha a presente ata à Diretoria do Instituto de Letras e Linguística – ILEEL, para que sejam tomadas as devidas providências. Uberlândia, 29 de abril de dois mil e vinte e seis.

PROFª. DRA. ELIANA DIAS – (ILEEL UFU) - PRESIDENTE

PROFª. DRA. SIMONE AZEVEDO FLORIPPI (UTFPR)

PROFª. DRA. CRISTIANE FUZER (UFSM)

PROF. DR. DAGOBERTO JOSÉ FONSECA (UNESP)



Documento assinado eletronicamente por **Eliana Dias, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/04/2026, às 12:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Fuzer, Usuário Externo**, em 29/04/2026, às 12:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Simone Azevedo Floripi, Usuário Externo**, em 29/04/2026, às 12:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dagoberto José Fonseca, Usuário Externo**, em 06/05/2026, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7267260** e o código CRC **B911CC0D**.

COMITÊ AVALIADOR

Eliana Dias
Profa. Titular – UFU
Presidenta

Cristiane Fuzer
Profa. Titular – UFSM
Membro Titular

Dagoberto José Fonseca
Prof. Livre-Docente – UNESP
Membro Titular

Simone Floripi
Profa. Titular – UFTPR
Membro Titular

Marlúcia Maria Alves
Profa. Titular – UFU
Suplente Interno

Alexandra Santos Pinheiro
Profa. Titular – UFGD
Suplente Externo

Edilson Pimenta Ferreira
Prof. Titular – IFTM Uberlândia
Suplente Externo

Argh! Estou farto de semideuses
Argh! Onde é que há gente? Onde é que há gente no mundo?
Poema em linha reta – Álvaro de Campos

Agradecimentos

Como pensar em pessoas ou categorias para agradecer pelo fato de eu ter chegado até aqui, se absolutamente tudo, senciente ou não, que veio antes ou depois de eu nascer, resvalou em mim e, de modo positivo ou não, me constituiu e continuará me constituindo?

Por isso, a tudo e a todos, meu mais efusivo obrigada!

RESUMO

Neste memorial, requisito parcial para a promoção à classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, apresento ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia uma das versões da trajetória por mim vivida desde a infância até o início de 2025. Uma das versões porque a memória seleciona aquilo que ela suporta e de que precisa, sem, com isso, deixar de ser verdadeira. Nesse caminho, não foi fácil separar o pessoal do profissional/acadêmico; por isso, divido o texto em “O Antes”, “O Depois” e “O Porvir”. Sendo O antes da aprovação no concurso para docente no ILEEL, O depois dessa aprovação e O porvir, que consiste em projetos acerca do que virá após a apresentação deste memorial, ou seja, o que ainda intento realizar a partir do que me constituiu até aqui. O escrito contempla, para além do tripé que sustenta a universidade – ensino, pesquisa e extensão –, a gestão, com destaque para a extensão.

Palavras-chave: trajetórias; memórias; projetos.

ABSTRACT

In this memoir, a partial requirement for promotion to the rank of Full Professor in the Higher Education Teaching Career, I present to the Institute of Letters and Linguistics (ILEEL) of the Federal University of Uberlândia one version of the trajectory I have lived from childhood until the beginning of 2025. One version because memory selects what it can bear and what it needs, without ceasing to be true. Along this path, it was not easy to separate the personal from the professional/academic; therefore, I divide the text into "The Before," "The After," and "The Future." "The Before" refers to the approval in the competitive examination for a teaching position at ILEEL, "The After" refers to the future, which consists of projects concerning what will come after the presentation of this memoir, that is, what I still intend to accomplish based on what has constituted me up to this point. The writing contemplates, in addition to the three pillars that sustain the university – teaching, research, and outreach – management, with emphasis on outreach.

Keywords: trajectories; memories; projects.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formação escolar/acadêmica.....	24
Quadro 2: Pós-graduações	45
Quadro 3: Atuação profissional.....	46
Quadro 4: Turmas com as quais trabalhei entre 2009 e 2024.....	51
Quadro 5: Atividades de orientação.....	60
Quadro 6: Pareceres emitidos na CECLE.....	61
Quadro 7: Projetos cadastrados.....	62
Quadro 8: Quantitativo certificados emitidos EaD – Cecampe Sudeste UFU.....	77
Quadro 9: Quantitativo certificados emitidos – atividades presenciais.....	78
Quadro 10: Cursos oferecidos pela Escola de Extensão.....	94
Quadro 11: Progressões	95

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cecília menina.....	13
Figura 2: Os pais.....	14
Figura 3: Avó materna e a casa do Bairro Saraiva.....	15
Figura 4: Diploma de conclusão do pré-primário.....	16
Figura 5: Conclusão do primeiro ano.....	19
Figura 6: Dona Denise, primeira da direita para a esquerda; Dona Angélica, quinta da direita para a esquerda.....	20
Figuras 7 e 8: Conclusão da oitava série na Escola Estadual Maria Conceição Barbosa de Souza (1980).....	21
Figuras 9 e 10: Colação de Grau.....	24
Figura 11: Turma da especialização.....	27
Figura 12: Minhocão (UnB) - vista aérea.....	30
Figura 13: Minhocão (UnB)	31
Figuras 14 e 15: Cronograma semanal de aulas.....	32
Figura 16: Orientadora Profa. Dra. Izabel Santos Magalhães.....	33
Figura 17: Mesa na sala dos pós-graduandos.....	33
Figura 18: O lençol laranja.....	34
Figura 19: Anotações do dia 1 em Lisboa.....	41
Figura 20: Desastre de foto na sala Fernando Moser (FLUL).....	41
Figura 21: Dia de aniversário.....	42
Figura 22: Isabel Serrano.....	44
Figura 23: Reitoria da FLUL.....	44
Figura 24: Defesa do Doutorado. Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães e eu.....	45
Figura 25: Dia da posse como docente UFU.....	48
Figura 26: Pai de aluna ao violão	57
Figura 27: Apresentação Profeletras.....	59
Figura 28: Evento de abertura do REL.....	66
Figura 29: Abertura do Curso de Aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-Raciais (REL)	67
Figura 30: Material físico e Moodle.....	67
Figura 31: Polo Araguari.....	68
Figuras 32 e 33: Lagamar.....	68
Figura 34: Polo Patos de Minas.....	69
Figura 35: Polo Carneirinho.....	69

Figura 36 e 37: Publicações resultantes do REL.....	70
Figura 38: Estrutura de Câmaras Cecampe Sudeste UFU.....	71
Figura 39: Ambiente de boas-vindas Cecampe – Moodle.....	73
Figura 40: Sobre o curso Caminhos Compartilhantes com o PDDE.....	74
Figura 41: Estrutura formativa Tema 1: Adesão, execução e prestação de contas.....	74
Figura 42: Estrutura formativa Tema 2: Gestão Democrática.....	75
Figura 43: Estrutura formativa Tema 3: PDDE e Ações Integradas.....	75
Figura 44: Lista de cursos EaD do Cecampe Sudeste UFU no Moodle.....	76
Figura 45: Metodologia de jogos – Januária.....	77
Figura 46 e 47: Quilombo Maria Romana e seu boi	79
Figura 48: Quilombo Baía Formosa – Búzios (RJ)	79
Figura 49: Quilombo em Cabo Frio (RJ)	80
Figura 50: Escola em assentamento - São Mateus (RJ)	80
Figura 51: Comunidade quilombola - São Mateus (RJ)	80
Figura 52: Refeições servidas em Assistência Técnica	81
Figura 53: Carro da Funai - Januária – Xakriabá.....	81
Figura 54: Paineiro - Comunidade Xacriabá	81
Figura 55: Adornos de uma indígena Xakriabá	82
Figura 56: Cocar do pajé Xakriabá	82
Figura 57: Nos caminhos de Januária.....	83
Figura 58: Centro de Atenção Psicossocial – a caminho de Januária.....	83
Figura 59: Presídio – a caminho de Januária.....	83
Figura 60: Cemitério – a caminho de Januária.....	84
Figura 61: Reunião presencial – Equipe Cecampe Sudeste.....	84
Figura 62: Reuniões semanais online Câmara Pedagógica.....	84
Figura 63: Reuniões semanais online Câmara Equidade.....	85
Figura 64: Material preparado para a visita do MEC.....	89
Figura 65: Material preparado para a visita do MEC.....	89
Figura 66: Material preparado para a visita do MEC.....	90
Figura 67: Elezir Buso, técnica-administrativa, <i>in memoriam</i>	90
Figura 68: Complexo de Extensão e Cultura Olívia Calábria: Rede de Extensão.....	92
Figura 69: Convivências na Proexc.....	95
Figura 70: Convivências na Proexc.....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: O ANTES	13
CAPÍTULO II: O DEPOIS	49
INTRODUÇÃO	49
2.1 Ensino	50
2.2 Pesquisa	58
2.3 Extensão	60
2.4 Gestão	85
2.4.1 Coordenação de Curso de Graduação	86
2.4.2 Coordenação Proexc	91
CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS: O PORVIR	98
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS	102

INTRODUÇÃO

Escrever um memorial faz parte da promoção na vida acadêmica para a classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior. Descrever a trajetória profissional é o que se solicita nesse gênero, ainda não tão bem definido. Mesmo assim, parece simples: coletar dados nos relatórios de progressão, no Lattes. Mas e o que não está nos relatórios, no Lattes? Afetos sentidos, vividos ao longo de toda a trajetória que me trouxe até aqui?

As pequenas vivências constitutivas do que sou; o que está por trás do que o senso comum considera sucesso; as incertezas, os fracassos, os medos... Nada disso coube no antes, no agora e no depois, tampouco nos relatórios, no Lattes, e não está à mostra para ser visto, mas faz parte daquilo que me constituiu e vale a pena incorporar tudo isso aqui: o vivido que me afetou e que, por vezes, me é difícil admitir ou contar, pois afeta a mim de um modo que parece distante da academia: lembranças, esquecimentos, memórias emocionadas do vivido. Muitas emoções que, com certeza, valem a pena revisitar para rever os caminhos trilhados, rever a trajetória! Trajetória! Uma palavra que me é muito cara, pois não há como fugir dela, mesmo que se queira.

Ao revê-la, não penso em avaliar como certo ou errado aquilo que fiz ou deixei de fazer, mas em rever o quanto fui e sou corresponsável por ela, naquilo que deu certo ou não, e, ainda, entender aquilo que não poderia ter sido modificado, sabendo que agora posso fazer uma outra leitura do que já foi e, possivelmente, escolher o caminho a seguir daqui em diante. E isso não é possível sem olhar e agradecer a todos que comigo caminharam. Foram muitas as pessoas que o fizeram. Cada um, a seu modo... uma infinidade!

Tendo isso em vista, neste memorial, proponho-me a descrever/narrar uma trajetória que emaranha vida pessoal, escolar e profissional/acadêmica e tantos acontecimentos que vão além ou aquém de qualquer classificação, pois não couberam nos relatórios, no Lattes, por terem sido do antes, são do agora e ainda o serão do depois da posse como docente na UFU, havendo, ainda, o porvir, o depois do hoje.

E fica o registro, também, daquilo que, suponho, atende ao que é exigido para a obtenção do nível de Professor Titular na Carreira do Magistério na Universidade Federal de Uberlândia, conforme previsto na Portaria nº 982, artigo 5º, de 03/10/2013, do Ministério da Educação e Cultura; apresentado ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a promoção da Classe de Professor Associado IV à Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, sendo a ênfase, neste memorial, no ensino e na extensão, conforme previsto no art. 3º do referido documento.

Então, vamos ao antes da UFU, ao depois da UFU e ao porvir na UFU e para além dela.

CAPÍTULO I

O ANTES

Figura 1: Cecília menina



Fonte: Acervo pessoal.

Dedico este capítulo à narração de alguns fatos de minha vida que ocorreram antes de eu tomar posse na Universidade Federal de Uberlândia como docente. São fatos que a memória permitiu aflorar e que considere importantes para que minha trajetória possa ser compreendida. Então, vamos ao **Antes**.

Filha de mãe professora primária, que depois tornou-se assistente social, e de pai leiteiro, que depois tornou-se caminhoneiro, nasci em Uberlândia, em 1966. Dela, sou filha única. Dele, a caçula.

Figura 2: Os pais



Fonte: Acervo Pessoal.

Criança muito miúda que, para alguns, não conseguiria sobreviver, calada e quieta, cresci com mais cinco irmãos por parte de pai: Eduardo Elias de Lima, Mara Aparecida de Lima, Marina de Lima, Maristela de Lima (*in memoriam*) e Jassone de Lima Júnior. Com Edson Alves de Lima e José Carlos Alves de Lima (*in memoriam*), não convivi. Os sete, filhos de Maria Abadia Alves de Lima. Entre moradas no Bairro Martins e no Saraiva, à época um bairro separado do centro da cidade pelo córrego São Pedro, canalizado em 1981, cresci. Antes, passávamos por cima do córrego numa pinguela. Hoje, transitamos por cima dele, agora chamado de Avenida Rondon Pacheco, que, por vezes, mais do que um córrego, vira rio¹.

¹ A Avenida Marechal Rondon Pacheco é uma das principais vias urbanas de Uberlândia (MG), ligando diferentes regiões da cidade ao longo de seus 7 km de extensão. Em tempos chuvosos, ocorrem alagamentos que fazem com que a pista seja tomada por água, transformando-a em um verdadeiro rio que arrasta veículos e danifica o asfalto. Em 1986, um desses desastres deixou feridos e mortos. Reestruturações têm sido feitas na via, mas a água, vez por outra, volta a subir.

Naquela época, uma pinguela separava o centro dos bairros terríveis, Saraiva e Lagoinha. Quanto mais distante da pinguela, no sentido sul, pior.

Figura 3: Avó materna e a casa do Bairro Saraiva



Fonte: Acervo pessoal.

No Bairro Martins, fui alfabetizada pela minha mãe, professora primária que já alfabetizava seus alunos com gibis, o que, à época, era um despautério. Ela tinha feito o Normal depois que minha avó materna, cozinheira do Liceu, foi autorizada, por imposição do diretor daquela escola, a continuar os estudos para além do primário (nome da época) e a ter a possibilidade de ir além das panelas, dos fogões e dos varais de patroas da cidade. Assim, passou a ser respeitada pelo pó de giz que levava nas mãos. Já meu pai, à época, trazia graxa nas vestes, o que já não era para tanto respeito, com a profissão que aprendeu desde a infância, quando vagava por oficinas de onde retirava pão para matar a fome.

Aliás, nem sempre, pois contava que, em um dia de muita fome, chegou a pegar “emprestado” pão na porta de uma casa, no tempo em que esse alimento era deixado nas soleiras das residências, até então sem grandes muros ou grades. Creio que, desses lugares — as oficinas —, adquiriu o amor pelos ferros. Até perto do dia de sua morte, eu ia às oficinas com ele para comprar rolamentos com os quais nada viria a ser feito. Era só mesmo para tê-los. O câncer de próstata, com metástase óssea, deixou-o viver razoavelmente bem por oito anos em cuidados paliativos e o levou em 2020.

Entre lápis coloridos, desenhos em feltro que eram magicamente colados em um quadro, fui para a casa de uma professora – não me lembro mais do nome dela – que ensinava a algumas poucas crianças (1971). Era no quarteirão onde hoje está localizada a Loja de Tecidos Miramontes.

Morando na Rua Grande, cuja extensão, por ironia, até hoje se limita a um quarteirão, era quase só atravessá-la para chegar à casa dessa professora. Mas, por mais simples que a travessia pudesse parecer, deixei de frequentar essa casa quando, ao quebrar a ponta de um lápis, a professora disse: “_ Da próxima vez que quebrar a ponta do lápis, vai escrever com a ponta do dedo.” Com a anuência de minha mãe, não voltei mais lá.

Depois, fui para a Creche Menino Jesus (1972). A creche servia para socializar e para que as crianças tivessem cuidados no intervalo em que as famílias estivessem no trabalho, lutando para garantir o pão de cada dia.

Dali, as lembranças são poucas. Lembro-me do pátio, da minha dificuldade inicial em dividir os objetos com os coleguinhas e do dia em que fugi de lá. A professora estava demorando a chegar. Fugi. Livre, lembro-me de algumas ruas do bairro Fundinho, pelas quais passei nessa aventura, e de um cachorro que pulou no portão da casa onde morava e me assombrou, levando-me ao pranto. Mas cheguei à então Delegacia de Ensino, na Praça Adolfo Fonseca, também conhecida como Praça do Colégio Museu, ao lado de onde hoje fica um grande supermercado, em uma casa que já não existe mais. Mas a praça...

Figura 4: Diploma de conclusão do Pré-Primário



Fonte: Acervo pessoal.

Uma das lembranças dessa instituição ligada ao ensino – a Delegacia de Ensino – era a de que minha mãe viajava muito a trabalho para Belo Horizonte e, de lá, os livros passaram a entrar na minha vida como uma compensação que, ao longo do tempo, ganharam outros significados. Os livros eram a compensação para as vezes em que minha mãe ia trabalhar lá e eu ficava aqui com minha avó, sendo meus prantos consolados pelas promessas de que ela traria livrinhos e *collants*². Assim, de tempos em tempos, novos livros, novos *collants* chegavam.

Algumas vezes eu ia junto com ela para Belo Horizonte, a Cidade Jardim enfeitada com ipês de todas as cores. Ela trabalhava e eu ficava solta no centro da cidade, onde a Praça Sete, o Mercado Municipal e o Parque Municipal foram e são parte de minhas lembranças afetivas. Gosto de ir para lá recarregar o corpo e o espírito.

Por essa ocasião, a minha mãe foi fazer um curso superior. A primeira da família a conseguir esse feito. Ela o fez na Associação Brasil Central de Educação e Cultura (ABRACEC). O que escolheu fazer? O curso cuja mensalidade era a mais barata: Serviço Social. Com as contribuições financeiras de pessoas amigas, conseguiu concluir o curso e, entre o início e o fim desse feito, por lá estive algumas vezes. A partir disso, algumas mudanças aconteceram, e a visão mais natural de que eu poderia também fazer um curso superior, tendo em vista o exemplo e a visão dela, passou a fazer parte dos meus sonhos. E também passou a ser exemplo e motivação para outras pessoas da família, que vivem, em sua maioria, na cidade do Prata (MG) e cercanias.

Creche, ABRACEC, Delegacia de Ensino... enfim... Saí da creche, fui estudar na Escola Estadual Osvaldo Resende (1973), no Bairro Martins, onde morávamos na Rua Estrela do Sul (minha avó materna de um lado da rua e a gente do outro), na escola onde minha mãe havia sido professora. A primeira série foi cumprida ali. Iniciei essa série residindo próximo à escola. Mas tivemos de nos mudar. Voltamos para o Bairro Saraiva, entre ruas de terra, fossa séptica, bomba para puxar água da cisterna. Por alguns meses, ia de ônibus para a escola do Bairro Martins para concluir o primeiro ano.

² *Collant* é uma peça de vestuário muito similar ao que atualmente é chamado de body.

Entre idas e vindas, de ônibus, entre esses dois bairros, o ano de 1973 chegou ao seu fim. Ao fazer esse trajeto, no ônibus Saraiva-Roosevelt, meu maior medo era encontrar um policial fardado. Se houvesse um lugar vago ao lado de um, não me sentava nele, jamais, nunca. O medo não deixava. Morria de medo! No meu imaginário, um policial prendia a gente pelo simples deleite da captura. Então, não queria me arriscar. No meio do caminho, no centro da cidade, uma professora da escola entrava na condução coletiva e eu podia seguir com menos receio.

Findado o primeiro ano do primário, passei a estudar, em 1974, na Escola Estadual Joaquim Saraiva. Dona Teolinda, o terror da criançada, passou os conhecimentos do segundo ano. Das outras professoras, nenhuma lembrança, mas dessa... Na sala de aula, lembro-me do cheiro dos livros novos, comprados com muito suor. Foi na sala dela que me lembro de ser chamada a atenção porque estava conversando. Mas, como não era só eu, levantei-me e falei a ela: “_ Não grite porque na minha casa ninguém grita comigo!”. Bem, virei notícia no “alto escalão” da instituição escolar: a negrinha atrevida da escola. Fui advertida? Não!

Naquela época, estavam começando a olhar para as relações de poder entre aluno e professor e para as punições que antes eram comuns e que já não estavam mais sendo admitidas. Como minha mãe trabalhava na Delegacia de Ensino, pensaram que logo, logo algo iria acontecer na escola. Mas como nada nunca aconteceu, um dia conversaram com minha mãe sobre isso. E, para a surpresa dela, eu nunca havia comentado sobre o acontecido. Mas o ocorrido e o cheiro dos livros ainda estão vívidos na minha memória.

Figura 5: Conclusão do primeiro ano



Fonte: Acervo pessoal.

A menina calada, chamada de atrevida da escola, termina a quarta série e parte para outra etapa do ensino fundamental – nomenclatura da época – na Escola Estadual Maria Conceição Barbosa de Souza (1977–1980). A escola tinha acabado de ser inaugurada e fiz parte da primeira turma: da primeira quinta série, da primeira sexta série, da primeira sétima série, da primeira oitava série.

Além do cheiro da escola, todos os alunos comentavam sobre o cheiro da professora Angélica, se não me falha a memória. Ela usava um perfume que já chegava à sala de aula muito antes dela. Dona Denise, professora de português, não se perfumava tanto, mas a trago na memória e lembro-me muito bem de quando ela corrigiu o meu modo de pronunciar a palavra “trouxe”.

Figura 6: Dona Denise, primeira da direita para a esquerda; Dona Angélica, quinta da direita para a esquerda



Fonte: Acervo pessoal.

Naquela época, meus irmãos já não moravam na mesma casa que eu. Minha rotina era ir para a escola e, ao retornar, almoçar e cuidar da casa que, na época, era uma meia-água, com chão vermelho, que eu lustrava com esmero. Depois das tarefas domésticas feitas, as tarefas da escola. Depois... ler livrinhos, brincar com o cachorro – Toquinho –, que, na época, não era chamado de pet; era só cachorro mesmo.

Os livrinhos infantis, trazidos de Belo Horizonte, deram lugar à então famosa coleção Vaga-Lume: Éramos Seis, O Escaravelho do Diabo ... e tantos outros. Depois, vieram os livros da literatura clássica brasileira.

Figuras 7 e 8: Conclusão da oitava série na Escola Estadual Maria Conceição Barbosa de Souza (1980)



Fonte: Acervo pessoal.

Chega o fim do ensino fundamental. Teve missa e a assinatura de um documento. Chega a época do vestibulinho para estudar na Escola Estadual Messias Pedreiro (1981). Um mar de gente queria uma vaga lá. Consegui uma delas. Concomitantemente aos estudos nessa escola, comecei a estudar inglês em uma escola cuja peculiaridade, à época, era estar localizada ao lado de uma funerária.

Entre idas a pé para a escola de Inglês e também para a Escola Estadual Messias Pedreiro, a adolescência foi se passando e, entre Física, Química, Biologia e tantas outras, repeti o primeiro ano do ensino médio.

Fiz o primeiro e o segundo ano na Escola Estadual Messias Pedreiro e o terceiro no Colégio Anglo (1984), onde conheci uma das minhas amigas de décadas. Quarenta e um anos se passaram e ainda estamos construindo histórias para contar depois. Bem-vinda, Benvinda!

Com os encantos e o gosto pela Biologia e o carinho pelo cachorro,– o

Toquinho –, eis que vem o desejo de ser médica veterinária. Afinal, eu já cuidava da cachorrada da vizinhança e, vez ou outra, os animais eram levados até mim para que eu dispensasse algum cuidado a eles.

Mas as professoras de Língua Portuguesa do Messias Pedreiro e do Anglo apresentaram a mim os encantos das Letras e da Literatura. O vestibular, como treineira, foi para Medicina Veterinária. Mas, depois, veio o vestibular e a aprovação para o curso de Licenciatura em Letras (Português-Inglês), em 1985. Desgosto para alguns, mas... foi o que prevaleceu.

Quando vi meu nome na lista dos aprovados... muita emoção! Meu Deus!

O início da graduação foi em 1985. O Campus Santa Mônica; ainda sem os blocos 5R, 3Q, 5O, 5S, a biblioteca, o Restaurante Universitário (RU), a Assessoria Jurídica, a quadra, o Centro de Convivência (CC), a Reitoria (3P); era um mundo “imensamente imenso”, em que o misto de medo e de expectativas preenchia muitos dos espaços internos.

À época, aulas, aulas e aulas. Não havia a movimentação que se tem hoje com monitorias, Programa de Educação Tutorial (PET), Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pesquisa e extensão. O então Departamento de Letras (DELET) não contava com pós-graduação, o que, acredito, trazia aos alunos outra visão de mundo e de vida. No DELET, havia apenas os cursos de licenciatura dupla: Português-Inglês e Português-Francês.

Fiz todo o curso – Português-Inglês – pensando em ser professora do Estado. Prestar concurso e ser efetiva seria uma segurança, pois não seria “mandada embora” por qualquer motivo, especialmente por preconceito racial.

No ambiente acadêmico, tudo era novidade. As disciplinas eram ministradas, em parte, por professores que ainda são ou já foram meus colegas de trabalho. À época, eram vistos como semideuses que alcançaram o Olimpo inatingível. Pura admiração e inveja!

Nas aulas de Inglês, os aparelhos usados para reproduzir fitas (áudios) eram puro luxo, coisas que, naquele tempo, não se viam no dia a dia.

No curso, participei de alguns eventos e, no estágio de Língua Portuguesa, a professora Maria Letícia realizava extensão com a gente, os alunos. Coisa que, na época, eu nem entendia bem: a diferença entre ensino e extensão. Só sei que foi muito bom! E havia certificados, algo de que já gostava muito!

Entre encantos e desencantos, as reprovações em Latim, o curso foi concluído em 1991. Antes, porém, comecei a trabalhar. Primeiro, no escritório do desenhista Tiãozinho; depois, no escritório de arquitetura do Milton Leite e no escritório Andrade e Guerra, de Roberto Andrade e Maria Eliza Guerra, hoje professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (FAUeD-UFU). Por fim, fui desenhista na Construtora Centro-Oeste (CCO – 1989). Contudo, saí de lá para dar aulas. E de onde surgiram os traços e as réguas no mar das letras? Mas, afinal, de onde os traços da prancheta surgiram?

Minha mãe trabalhava na Escola Estadual Américo Renné Gianetti, como assistente social, onde havia o curso de Técnico em Edificações. Seguindo a sugestão dela, fiz o curso, quase concomitantemente ao curso de Letras (1986 – 1988). Encantada com os traçados do grafite e da régua, instrumentos utilizados também para traçar letras e encantar as crianças a quem dava aulas, iniciei o curso do então denominado Bacharelado em Decoração (1992/1 – 1994/2). Ao término do terceiro período (1994), interrompi o curso porque fui aprovada no Mestrado em Linguística (1995), na Universidade de Brasília (UnB). Mas há muita coisa para falar antes do mestrado. Vamos lá...

Entre traços retos feitos na prancheta e letras desenhadas no papel, termino a graduação (1991).

Figuras 9 e 10: Colação de Grau

Fonte: Acervo pessoal.

Até aqui, a minha formação pode ser assim esquematizada:

Quadro 1: Formação escolar/acadêmica

PERÍODO	NÍVEL	INSTITUIÇÃO	LOCALIDADE
1973-1980	Ensino Fundamental	Escola Estadual Osvaldo Resende/ Escola Estadual Joaquim Saraiva/ Escola Estadual Maria Conceição Barbosa de Souza	Uberlândia
1982-1984	Ensino Médio	Escola Estadual Messias Pedreiro/ Colégio Anglo	Uberlândia
1986-1988	Ensino Médio Técnico em Edificações	Escola Estadual Américo Renné Gianetti	Uberlândia
1985/1-1991/1	Graduação 1 - Licenciatura em Letras: português e inglês	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Uberlândia

Formada! Graduada! Apesar de já participar do mundo do trabalho, ainda perdida! Mas a trajetória vai sendo trilhada. Entre 1992 e 1995, também estive ensinando crianças do ensino básico I na Escola Estadual Alda Mota Batista, sendo também monitora de redação do então Colégio Anglo, onde havia concluído o ensino médio e onde um padrinho profissional, cujo apelido parece matéria-prima para confecção de bolsas de grife ou que engole desavisados – Jacaré – me acolheu com gentileza.

Na Escola Alda Mota Batista, como eu era a novata, as chamadas piores turmas ficaram comigo. Na primeira delas em que entrei, lembro-me do Gilmar. Um menino magro, negro, a quem todos adjetivavam como o “pior das turmas” e que já havia sido reprovado duas vezes, inclusive em “Português”. Sim, na época, havia reprovação.

Ao chegar à porta da sala de aula, ele estava atravessado nela, num gesto que não sei definir agora, mas fez uma pergunta: “ _ Quando vai ser a prova de verbos?”

Respondi que não sabia. E sempre ele fazia a mesma pergunta, e eu dava sempre a mesma resposta.

Nas turmas, eu programava e pedia muitas produções de texto. Gilmar terminava primeiro e ia “tacar fogo no parquinho”. Um tanto perdida naquele universo, passei a solicitar que ele ajudasse os colegas. Ele tinha muita preocupação com os verbos, mas escrevia muito bem. Ao longo do ano, entendi o que ele me perguntava: ele não conseguia preencher a tabela de derivação verbal, que antes era sempre solicitada nas provas. Mas, ao escrever seus textos, não “errava” nas conjugações.

A outra professora da escola, um dia, disse: “_ Já dou uma primeira prova bem difícil. Assim, metade da turma já vai embora”. Enfim...

Gilmar foi aprovado, assim como outro garoto cujo nome não me ficou na memória, mas cujo comportamento me lembro muito bem. O aluno não fazia nada que fosse solicitado, a não ser virar a carteira para um canto da parede, o que eu permitia, e fazia tudo ali no seu mundo. Ali, isolado, ele fazia tudo... e bem feito. Gostaria de hoje, com o que acho que sei, rever aquele garoto. Mas nem ele é mais um garoto, nem eu sou aquela professora. Suspiro ao escrever isso.

Fui até a casa de alguns alunos. Fiquei surpresa ao ver as condições em que viviam. Com essas visitas, passei a entender que eles faziam muito, muito mesmo. Não o muito institucionalmente desejado, mas o muito que a sensibilidade me permitiu entender. Pois, na vida deles, mal vistos na escola porque faziam “pouco”, faltava tudo, menos pobreza, o que implica não ter condições de alcançar aquilo que, muitas vezes, o social exige.

Passados uns meses nessa escola, a professora de Geografia disse que meus alunos estavam escrevendo muito bem, melhor do que os da outra professora. Imagine como fiquei ao ouvir isso! Ainda bem que não havia nada perfurocortante ali por perto.

Alda Mota, de fato, foi uma escola. Uma escola para a minha vida.

Passei por outras escolas públicas e particulares, mas “a primeira experiência a gente nunca esquece”.

Mesmo já trabalhando, nunca deixei de frequentar a UFU, pois estava cursando a graduação em Decoração. Em uma trajetória nada linear, fui avisada por uma amiga, cujo nome parece um poema, Lúcia Mosqueira de Oliveira Vieira, então técnica-administrativa em educação (TAE) no curso de Filosofia, sobre um concurso para professora substituta. Não sabia o que era isso. Mas fui lá e fiz.

Aprovada, ministrei aulas nos intervalos de 1993-1994, à época, o reitor era o professor Nestor Barbosa de Andrade, e de 1998-2000, quando o reitor era o professor Gladstone Rodrigues da Cunha Filho. Dentre as disciplinas ministradas estavam Português Básico (nos cursos de Educação Física, Biologia e Psicologia) e Prática de Ensino de Língua Portuguesa. Fui professora substituta, portanto, por duas vezes. Ocasões em que deixei as aulas da Secretaria Estadual de Educação, mesmo sabendo que, na UFU, os contratos eram temporários. Assim sendo, voltaria para o Estado com a bagagem adquirida, mas eu queria levar um pouco mais para aquele contexto em que atuava como professora contratada.

Transitava entre os três *campi* para fazer aquilo que me dava tanto orgulho: as aulas.

Como era bom! Parecia estar sonhando acordada, se não fossem o pânico e a melancolia, tão constitutivos de mim e cujos reflexos permearam não só a minha vida pessoal, como também a vida acadêmica, limitando minhas ações em certa medida.

Entre aulas e monitoria no Colégio Anglo (1997-2002) e no Centro de Estudos Antônio Gramsci (1998), outra escola onde também ministrei aulas, eis que iniciei uma especialização na UFU: II Especialização em Linguística Aplicada: o texto e seu funcionamento.

As aulas, entre 1993/2 e 1995/1, aconteciam no período de férias. Então, durante quinze dias de julho e quinze dias das férias de fim/início de ano, tínhamos

aulas. O professor Magalhães participou dessa parte da história como colega, e o professor Cleudemar, como docente do curso. Outras tantas pessoas queridas e importantes contribuíram para minha trajetória: Raimundo, Beatriz, Maria Célia, Maria Letícia, Jorcelina, Evandro, Ivonete, Márcia, Paula, Eliana, Cleudemar, José Magalhães, Maura, Travaglia e tantos outros que a memória, agora, não alcança. Desculpem-me!

Figura 11: Turma da especialização



Fonte: Acervo pessoal.

A especialização trouxe novos conhecimentos, abriu outros horizontes. Terminada essa etapa, andando pelo corredor do Bloco G, encontro a professora Márcia Elizabeth Bortone, que, de mudança para Goiânia, conversou comigo sobre a coincidência de meu pai ser o motorista contratado para levar seus pertences até aquela cidade de Goiás.

Na Universidade Federal de Goiás (UFG), ela coordenaria a pós-graduação e sugeriu que eu fizesse a prova de seleção para o mestrado. Na época, eu nem entendia que isso era um direito de qualquer graduado. Fiquei eufórica com a possibilidade.

Procurando informações sobre o mestrado na UFG — não na net, pois isso não existia como hoje —, fui até Goiânia para me inscrever no processo seletivo do mestrado em Linguística.

De mochila nas costas, em 1994, entro em um ônibus e desço em Goiânia. Nunca tinha ido lá. Outro grande mundo: a cidade, a universidade.

Ao realizar a inscrição, encontro um folder — isso mesmo, um folder impresso — do processo seletivo do mestrado na Universidade de Brasília (UnB), cujas inscrições também estavam abertas. Conversando com a professora Márcia, que já estava lá, ela disse que sua irmã, Stella Maris Bortoni-Ricardo, era professora em Brasília, na UnB. Conversa vai, conversa vem, pensei: vou lá também me inscrever.

Fui para a rodoviária, comprei passagem para Brasília. A experiência era tão pouca que me dirigi à plataforma de embarque e fiquei esperando um ônibus no qual estivesse escrito Goiânia-Brasília, e no grande veículo que estava estacionado na plataforma não estava escrito isso. Todos os que estavam ali entraram no ônibus, foram embora e eu fiquei esperando o tal Goiânia-Brasília. Preocupada com o horário, pois o Goiânia-Brasília nunca aparecia, fui até o guichê e fui informada de que o ônibus era aquele. Era em trânsito e eu não sabia daquelas coisas. Enfim... um aprendizado. Comprei outra passagem e embarquei no horário seguinte. Dessa vez, direitinho.

Cheguei a Brasília. Se Goiânia já foi um mundo novo, imagine Brasília, com seus traçados modernos, tão diferentes de tudo o que eu já havia visto pelo Sertão da Farinha Podre³ e arrabaldes.

Consegui chegar à UnB, não sem alguns atropelos, mas cheguei. Dentro da UnB, mais alguns atropelos até encontrar o então LIV (Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília - LIV/UnB).

Achei o LIV fechado. E já, há muito tempo, tinha aprendido a dar o máximo em qualquer coisa. Adentrei por uma porta lateral e encontrei pessoas no departamento que, depois de saberem de onde eu vinha e o que tinha ido fazer ali, fizeram a minha inscrição, apesar de o horário de atendimento já ter se findado.

³ Sertão da Farinha Podre: antigo nome de Uberlândia.

Voltei para a então rodoferroviária de carona com um docente – Hildo Honório do Couto –, que contou que passaria por lá, pois era seu caminho para casa. Conversa vai, conversa vem, uma das falas dele foi a de que apreciava quando o professor já tinha experiência de sala de aula antes de ingressar em um mestrado. Conversamos sobre a minha tão parca experiência, mas conversamos!

De volta a Uberlândia, a vida seguiu. Li os livros recomendados para a prova na UnB, já que ela aconteceria primeiro. Em meus pensamentos, eu tinha o seguinte plano: faria as provas na UnB e na UFG, contando que não passaria em nenhuma, mas aquilo, para mim, seria para saber como eram as provas para o ingresso em mestrado, pois não acreditava, nem um pouco, que seria aprovada. A partir dessa experiência, no ano seguinte, me dedicaria aos estudos para, no ano seguinte, prestar a prova “para valer”.

Com esse pensamento, e com a tranquilidade que ele me deu, li a bibliografia indicada e fui para Brasília fazer a prova. Primeiro, o Inglês Instrumental. Passei, e alguns candidatos já foram desclassificados. Comecei a me animar, mas nem tanto. Fiz a prova específica. Passei. Próximo passo: a entrevista. E eis que, na entrevista, encontro o docente da carona – Hildo Honório do Couto –, além de Aryon Dall’Igna Rodrigues (*in memoriam*) e Maria Izabel Santos Magalhães. O professor Aryon arguiu-me sobre as questões práticas: como me sustentar, onde morar. Respondi com a firmeza de quem sabia de tudo e que, para tudo, já havia pensado em uma solução e, efetivamente, me organizado para aquilo. Só que não. O próximo, o professor Hildo, perguntou sobre o que eu pretendia pesquisar. Apesar de não ter nada formulado, respondi com a firmeza de quem supostamente sabia tudo o que gostaria de pesquisar. Só que não. Respondi, e ele, não muito convencido, foi interpelado pela professora Maria Izabel, que falou dos encantos da minha ideia, e a entrevista acabou. Voltei para Uberlândia ainda com a ideia de estudar com firmeza no próximo ano. E, para minha surpresa, fui aprovada. Iniciei o mestrado em 1995, naquela época, de três anos (1995-1997).

Alegria de ter passado, desespero de pensar em como sobreviveria ali. Bem, tudo foi se encaixando. Valméria, secretária da pós, na época, conversou comigo por telefone – sim, por telefone fixo – e eis que... receberíamos bolsa!

Fui a Brasília de mala e cuia, carregadas no ônibus convencional da Real Expresso. Cheguei no dia da primeira aula. Iria ficar hospedada na casa de um primo, na M Norte⁴. Como era longe! E como era tudo estranho. Nunca tinha saído de casa. Enfim...

Nesse primeiro dia de aula, eu estava almoçando em uma lanchonete no subsolo do Minhocão⁵. A mala e a cuia do lado. Todas as mesas estavam cheias, e eis que uma pessoa pede para se sentar à mesa comigo para almoçar. Caipira, achei tudo muito estranho, mas... disse sim. O nome da pessoa? Bendix. Esse nome eu não me esqueci, pois é também o nome de uma peça do motor de partida de carro. Enfim, um senhor que leu nas minhas feições que eu não estava feliz. Ele perguntou o que eu estava fazendo ali. Contei que havia passado na pós-graduação (mestrado), que estava feliz por isso, mas que não gostaria de morar ali. Mas que teria aulas no início (segunda e terça) e no fim da semana (sexta). Ele disse: “_ Minha filha, tenho idade para ser seu pai e sou professor aqui. Vá lá na sua coordenação, invente uma desculpa, tranca a matéria de sexta e vá para casa. Um dia, você pode até se arrepender disso, mas, agora, você ficará bem.”

Figura 12: Minhocão (UnB) – vista aérea



Fonte:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/05/26/interna_cidadesdf,683738/unb-cancela-provas-em-decorrencia-da-greve-dos-caminhoneiros.shtml

⁴ M Norte é um setor de Taguatinga.

⁵ Instituto Central de Ciências (ICC), conhecido como Minhocão, tem cerca de 700 metros de comprimento e é a maior edificação do campus Darcy Ribeiro (Asa Norte). O ICC é “o principal e mais icônico prédio da UnB, que abriga a maioria dos institutos, faculdades, salas de aula, laboratórios e anfiteatros, teve seu início em 1963. (...) Dividido em duas alas, com três andares cada, foi inaugurado em 1971.”(FONTE: <https://noticias.unb.br/76-institucional/3468-traco-do-arquiteto-no-campus-darcy-ribeiro>).

Figura 13: Minhocão (UnB)



Fonte: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/julho/nova-lei-da-pnaes-fortalece-assistencia-e-combate-a-evasao/minhocao-unb.jpeg/image_view_fullscreen

Nossa! Aquilo foi tão animador! De fato, como peça responsável por iniciar o movimento do motor de carros – o bendix –, ele contribuiu para que eu iniciasse o meu movimento de certas escolhas ali, naquele novo mundo. Fui até a coordenação para solicitar o trancamento da disciplina de sexta-feira. A secretária pediu para eu ligar o computador ao lado e redigir a solicitação com uma justificativa. Sabe o que fiz? Inventei uma desculpa e saí. Não sabia como ligar o computador. Imaginem o quanto de coisas tive de aprender!

Apreendi a ligar o computador, redigi meu pedido e consegui o trancamento. Passei os anos do mestrado viajando Uberlândia-Brasília-Uberlândia: 422 km de ida, 422 km de volta, toda semana.

Após certo tempo no curso, perdi a bolsa por não residir em Brasília. Ao contrário do que Bendix levantou como possibilidade futura, não me arrependi. Bendito Bendix! Nunca mais o vi.

Primeiro ano concluído, o casamento com Flávio Sérvulo Arantes Moreira ocorreu no fim de 1995. Flávio já sabia o caminho da rodoviária mesmo dormindo. Foram anos... E a correria continuava.

Mudança na rotina, muitas coisas para fazer e, sem a bolsa, comecei a dar aulas particulares em Uberlândia. À medida que recebia algum dinheiro, guardava-o em uma caixinha e comprava passagens para ir a Brasília; assim foi por um bom tempo. Em seguida, comecei a dar aulas na Unicaldas, em Caldas Novas (GO). Aí, sim, o trajeto aumentou: Uberlândia – Caldas Novas – Caldas Novas – Uberlândia – Caldas Novas – Brasília – Uberlândia (175 km + 175 km + 329 km + 422 km). Totalizava 1.100 km por semana. Parecia uma disputa com meu pai, já caminhoneiro, para ver quem rodava mais.

Figuras 14 e 15: Cronograma semanal de aulas

HORÁRIO CECÍLIA MAIO – AGOSTO / 2002					
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
MANHÃ	FPU (8 – 9:55) SISTEMAS - A	FPU (9:55 – 11:35) SISTEMAS - A	Caldas/UnB (Empresa de ônibus Alfa Luz – Vian)) (61) 361 1515	Seminário (9:30 – 12) PORT. I, III	Seminário (7:30 – 10:20) PORT. IV
TARDE	Saída do ônibus para Caldas às 15:45 – estacionamen- to na Praça Sérgio Pacheco, ao lado do Terminal Central	Saída do ônibus para Caldas às 15:45 – estacionamen- to na Praça Sérgio Pacheco, ao lado do Terminal Central	UnB Aula das 16h até 18h45m (Profª. Drª Maria Izabel) Sala:		

	Caldas Novas	Caldas Novas	UnB/ Udi	FPU	FPU
NOITE	Fundamentos / metodologia	Metodologia/ Fundamentos	(Empresa Motta – Linha Brasília – São José do Rio Preto ou Brasília – Campo Grande)	(7 – 22:30) SISTEMAS – C, B Salas:	(19 – 22:30) SISTEMAS B, C Salas:

Fonte: Acervo pessoal.

Cursar disciplinas do “tronco duro” (Sintaxe, Morfologia, Fonologia), elaborar um projeto, realizar uma pesquisa, participar de eventos... e tudo o que a vida na academia exigia no mestrado. Dificuldades acadêmicas? Muitas, mas fomos rompendo. Os amigos e a orientadora, Profa. Maria Izabel Magalhães, foram portos.

Figura 16: Orientadora Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães



Fonte: Acervo pessoal.

Dificuldades cotidianas? Várias. Algumas foram vividas com desespero, mas, hoje, até que dá para rir delas. Dificuldades para atravessar uma rua, pois não sabia que, em Brasília, a faixa de pedestres era e ainda é respeitada. A correria para sair da UnB e chegar à rodoferroviária a tempo de pegar o ônibus com destino a Uberlândia, para chegar de madrugada e, logo, ir trabalhar. Tiros na rodoferroviária. Tiros em assalto na estrada. Greve de ônibus em Brasília em dia de chuva torrencial. No horário do almoço, dormir sobre a mesa da sala dos alunos ou na grama da UnB, para aguentar o tranco. Como dormir na grama era bom! Levava um lençol laranja, daquele tecido sintético que nunca acaba, para forrar a grama. Tenho-o até hoje. Isso é só para lembrar alguns dos perrengues.

Figura 17: Mesa na sala dos pós-graduandos



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 18: O lençol laranja



Fonte: Acervo pessoal.

Mas, no meio de tantas coisas, as amigas Cida Ottoni, Eliana Dias (que gosta muito de se vestir de vermelho e preto), Mariângela... e tantas outras que não caberão no papel, e das quais nem a memória vai dar conta.

Mas, no meio de tudo isso, a certeza e a vontade de chegar ao fim do processo. Para isso, depois de muitas disciplinas cursadas, com o apoio de tanta gente, com a vontade e com a pesquisa realizada em Uberlândia, defendi a dissertação em 5 de dezembro de 1997.

Nela, intitulada *Linguagem e Identidade da Mulher no Contexto da Escola e da Família*, foram empregadas como metodologias a 'Etnografia Crítica' e a 'Pesquisa Colaborativa'. A questão central foi investigar se o discurso veiculado no contexto da escola e da família era emancipatório ou não, examinando se as práticas discursivas desses contextos contribuíam para a construção de identidades emancipadas ou não. As bases teóricas da dissertação foram a Teoria Social do Discurso e a Teoria da Consciência Linguística Crítica, propostas por Fairclough (1989, 1992a, 1992b), bem como a Teoria do Letramento, proposta por Street (1984, 1993).

Alívio? Talvez. Cansaço? Muito. Mas descansar? Não foi bem assim. Junto com mais duas amigas, fomos para a Unesp - Câmpus de Araraquara - tentar o doutorado. Essas amigas? Quem? A fera de vermelho e preto e aquela cujo nome parece um poema.

Mas, antes disso, aconteceu um concurso na UFU. Esperançosa, inscrevi-me. Outras colegas que orbitavam a UFU não se inscreveram e ainda questionaram minha sanidade mental por eu participar do pleito. O motivo? Luiz Carlos Travaglia e Evandro Martins eram candidatos. Sim... os “monstros” do ILEEL!

Bem, preparei-me e fui. Pontos sorteados, prova escrita feita. Até esse ponto, nem os “monstros” me atrapalharam, vamos assim dizer. Chega o dia da prova didática. Evento aberto ao público. Eu, animadinha, me deparo com outro “monstro” no corredor, e ele adentra a sala da prova. Não vou dizer o nome do santo. Mas ele há de saber. Quando vi aquilo, o chão saiu dos meus pés. Cheguei a falar com um colega que desistiria da prova. Ele me animou e eu fui. Olhava para o “monstro” e a fala acelerava — coisa típica do meu nervosismo. A aula, preparada para durar uma hora-aula, foi ministrada em 20 minutos. Bem... dá para imaginar o resultado, né?!

Depois, me deram umas dicas: quando isso acontecer, retome a aula inteira como se um aluno não tivesse entendido. Bem... guardei a dica para outros pleitos.

Passado o tempo, todos esses “monstros” tornaram-se felizes encontros!

Voltando à seleção de doutorado na Unesp – Câmpus de Araraquara. A seleção foi confusa. Fui para a entrevista e não constavam meu nome nem quem poderia realizar a entrevista comigo. Após algumas tentativas internas para resolver a questão, marcaram outro dia para eu ir à universidade para ser entrevistada. Viajei novamente para isso. Fui entrevistada por uma professora de outra área. Fui aprovada.

Viajando para trabalhar na Unicaldas, em Caldas Novas (GO), e viajando para Ribeirão Preto (SP) e, de lá, para Araraquara (SP), iniciei o curso, mas em outra área: a Lexicografia e Lexicologia.

Deu certo? Em parte. Não concluí o doutorado lá. E o que ficou disso tudo? Parte das sete disciplinas lá cursadas, entre 1999/1 e 2000/2, foi aproveitada no

doutorado na UnB, assim como os eventos⁶ de que participei naquela instituição.

Além disso, ficaram muitos aprendizados e a convivência mais de perto com as amigas daquele tempo, o que não morreu ali. Ainda o somos!

Idas de ônibus até Ribeirão Preto e, de lá, até Araraquara. Idas de van com colegas de Uberaba. Carona... de tudo um pouco!

No entre de tudo isso, prestei um concurso em Pirassununga (SP), na Academia da Força Aérea (AFA).

Como aconteciam os processos de antes, fui até aquela cidade para fazer a inscrição. Seguindo uma fila, pois o concurso seria para diversas áreas, chega a minha vez de preencher os formulários e entregar a documentação. Surpresa! Tinha de ter levado os originais, mas levei apenas cópias. O atendente, com gentileza, disse que eu poderia enviar cópias autenticadas pelos Correios. Nossa! Alegria por não ser impedida de me inscrever e concorrer ao pleito, e tristeza: de onde tiraria dinheiro para autenticar tanto papel? Enfim... uma parca poupança que tinha foi toda embora.

A data da prova do concurso coincidiu com o dia em que eu iria apresentar um trabalho em um evento do ILEEL-UFU. Desespero! Ao me perguntarem como eu faria, disse que daria um jeito, seguindo a minha filosofia: tentar “até o talo.”

No dia inicial do evento, solicitei se poderia apresentar meu trabalho em um “encaixe”, como aqueles que acontecem em consultas médicas. Consegui.

Terminei a apresentação e fui para a rodoviária. Lá chegando, fui de guichê em guichê tentando uma alternativa para chegar a Pirassununga no outro dia, antes do horário da prova.

⁶ I Encontro de Estudos Diacrônicos do Português – EDIP (17 a 19/08/1999); II Seminário de Análise do Discurso – Olhares Oblíquos: O Discurso na Análise do Discurso (24/11 a 26/11/1999); Colóquio Diálogos sobre a leitura de Literatura Infantil e Juvenil (15/09 a 16/09/1999) e II EDIP - Encontro de Estudos Diacrônicos do Português (29/08 a 31/08/2001).

Consegui um ônibus em trânsito que não entraria na zona urbana de Pirassununga. Eu teria de descer em um posto na beira da estrada e, de algum modo, chegar até a cidade.

Sem saber como seria, fui! Desci no posto, na madrugada. Adentrei e perguntei a alguém do balcão como eu poderia chegar à cidade. Indicaram um senhor que fazia transporte. Chamaram o senhor, que, gentilmente, perguntou que tipo de acomodação eu almejava. Como o dinheiro era pouco, fui para um lugar singelo, por assim dizer.

Grata, fui dormir. Ao amanhecer, acordei com o coração na boca. O que aconteceu? Estava perto de uma igreja que tinha um sino cujo som parecia ressoar na cidade inteira. Depois que a alma desceu até o corpo, outro sobressalto: havia um caminhão, debaixo da janela onde eu tentava dormir, que foi, repentinamente, ligado para esquentar, como os caminhoneiros costumam fazer pela manhã! Enfim... depois de uma “boa noite de sono”, fui para o local de prova.

Lembro-me de nos posicionarem – candidatos de todas as áreas – em uma sala grande e de modo que qualquer um que cercasse um colega candidato fosse de área diferente – estratégias de quem lida muito com isso: militares.

Depois dessa prova, a prova didática – coesão e coerência.

Logo em seguida, no ponto de ônibus da AFA (Academia da Força Aérea), novamente, outra carona. Enfim... as caronas me ajudaram muito. Tive coragem e sorte.

Retorno à rotina. Fui aprovada em segundo lugar. Não fui chamada. Mas, a exemplo do que aconteceu com o concurso para secretária de escola estadual (essa é outra história), ainda bem!

Nesse intervalo, continuei na Unicaldas, onde recebia pelo meu trabalho e recebia também afetos, colhia lições, floresciam amizades. Com uma das amigas; hoje, além disso, colega no ILEEL, Cida Ottoni; fomos até Brasília para a seleção para o doutorado. Dessa vez, eu já sabia ligar um computador, atravessar a rua e já

não perdia ônibus que estavam parados na plataforma.

Em 2003/1, passamos também a medir estrada juntas, Cida Ottoni e eu. Perrengues, muitos! Chegar a Brasília de madrugada e conseguir um táxi que nos pegasse em um posto policial na entrada da cidade foi um feito. Fixada uma boa alma que fazia isso sempre, chegar à casa da irmã dela, a Lena, que a mim também acolhia, passou a ser menos difícil. Mas, vez ou outra, tínhamos de nos aventurar a quase realizar uma corrida de uns quilômetros, adentrando o Setor Bandeirantes e passando ao lado de uma reserva militar. Pura adrenalina. Depois, ao chegar na casa, conseguir um meio de passar pelo rottweiler muito bem treinado, que só atacava quem lá adentrasse a pé. Se fosse de carro, ele já era gentil e não fechava as mandíbulas. Quando chegávamos a pé, tinha de haver alguém da casa para nos receber e nos passar pelo então vigia canino. Quando a situação permitia pegar um táxi, ah... era só entrar no quintal adentro que a fera já era bela.

Enfim... ali, alimentada de corpo e alma, fui acolhida durante todo o doutorado.

Ao cursar as disciplinas na UnB, o lençol laranja (Fig. 18) continuou a fazer parte das andanças. Só que agora ele “suportava” duas criaturas cansadas, e não apenas uma. O cansaço, para além do que exigia o doutorado, se dava por eu ministrar aulas na Faculdade Católica (2003–2010), onde convivi com muitos aspirantes a padre. De muitos deles, ouvia que o estar ali era fruto do desejo da família e até mesmo uma fuga de uma vida sem perspectiva, que a pobreza de origem lhes impunha.

Em uma das aulas, de que não me esqueço, um deles solta, em alto e bom som, um flato. Ouvi e continuei a aula como se nada tivesse acontecido. Mas os colegas instauraram o furdunço. Consegui aproveitar o feito para dar uma aula de vocabulário. O nome dado ao ato não foi flato, entendem, né?! Em função disso, afirmei a eles que, sim, alguém tinha soltado um flato e perguntei se sabiam sinônimos para aquele feito e o motivo de o feito ter vindo à tona. Enfim... não conheciam o termo flato e, com a aula, o flato foi naturalizado e absolvido.

Em outro momento, um aluno sempre dormia nas aulas. Alguns colegas, incomodados, queriam acordá-lo. Não permitia. Ao final da aula, o aluno acordava

com o olhar sem brilho e se preparava para a próxima aula.

Algum tempo depois, ele passou a se “confessar” comigo, o que, naquele tempo, me cansava muito. Mas as dores dele eram muitas. Ele dormia na aula porque, à noite, após se recolher aos seus aposentos no seminário, fugia para beber. Voltava cambaleante. Tudo isso era feito às escondidas, claro, para não resultar em expulsão. Sua dor? Estava apaixonado por um homem e isso o corroía, pois havia, no entre dessa situação, o seu verdadeiro desejo de ser padre, o desejo da família e aquilo que galopava em direção contrária a tudo isso. Quase um ano de escuta sem julgamento e com sigilo — parece que eu já era psicóloga — e ele deixou o seminário. Anos depois, o vi: feliz, alegre, com os olhos brilhantes. Que bons ventos continuem soprando sobre ele.

Concomitantemente à Faculdade Católica, também dava aulas na Faculdade Politécnica de Uberlândia (FPU, 2001-2011). Lá, participei da Comissão de Avaliação, da organização das ações de extensão... fui adentrando na gestão também. Gostava? Muito! E ainda gosto!

Das aulas na FPU, lembro-me da aluna que veio até mim para perguntar como ela poderia eliminar o sotaque nordestino, pois se sentia muito discriminada com ele, por causa dele. Conversamos muito, e ela entendeu que, se não se respeitasse naquilo que a constituía, ninguém iria fazê-lo, mesmo que exterminasse tudo o que a marcava como alvo de preconceito. E, se assim o fizesse, exterminaria a si própria. Tempos depois, encontrei-me com ela, feliz com o sotaque e agradecida por aquela conversa que, há tempos, tivemos, pois havia entendido que, para além do sotaque, as questões eram/são outras.

Nessa época, viajando para estudo e trabalho, lembro-me da melancolia que se instalava novamente. Tinha pavor do escurecer, mais especificamente de sair para trabalhar à noite. Aquela professora que conseguia a atenção dos alunos passara a ter de ir para o trabalho com a luz do dia, pois, se escurecesse, doía demais ter de sair. Mas a força de vontade de encerrar ciclos me fazia, em determinado dia da semana, encerrar as aulas e ir para a rodoviária, onde a amiga Cida Ottoni me esperava com minha mala para irmos a Brasília (DF). Não só a

bagagem pesava!

Perrengues nessa época? Um deles foi ser assaltada em um ponto de ônibus em Uberlândia (MG). Consegui negociar com o meliante, que levou “apenas” o dinheiro que eu tinha e deixou a bolsa, o celular e os documentos de que precisava para embarcar para Brasília, para a UnB.

Por que contar essas histórias? Porque elas mostram o que, do antes e até aqui, fez muito mais sentido para mim e para a constituição da professora que sou e da que ainda serei.

Voltando ao doutorado... com tudo isso, candidatei-me a uma bolsa para realizar um “doutorado sanduíche” na Universidade de Lisboa, sob a supervisão do professor Carlos Gouveia. Eu o conheci em suas visitas à UnB, quando palestrava sobre a Linguística Sistêmico-Funcional, teoria cujo emprego é produtivo para a Análise de Discurso Crítica.

Projeto feito, não sozinha, e aprovado, passei quatro meses nas terras de Cabral. Na Universidade de Lisboa, tive aulas com o professor já citado. Não fui só: a amiga de tantos trajetos estava ao meu lado. Meu marido, Flávio, foi quinze dias depois, acompanhando-me nesse momento.

Figura 19: Anotações do dia 1 em Lisboa

03/02
2006

Chegada

• Chegamos em Lisboa com uma hora de atraso. A temperatura é de 8°C. Isabel e Alzira nos buscam no aeroporto. Não pagamos taxi. Somos para casa - a Isabel nos recepcionou muito bem, nos deixou muito a vontade. Fiquei mais tranqüila.

Fomos à universidade. E lá almoçamos...

hambúrguer

GASTAMOS - almoço 3,15
- café 0,95

Nos batemos com a Edna, ficamos sabendo que na Espanha bares com mesas do lado de fora cobram mais caro.

ISABEL € 250,00

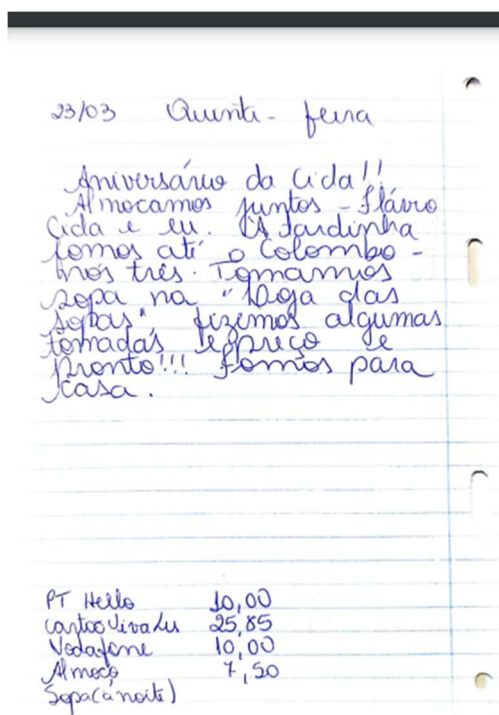
254,10 | 250,00
4,10

Fonte: Acervo pessoal.

Lá, muito além da Linguística Sistêmico-Funcional, vivi cultura, acolhimento e descobertas. Quanta saudade!

Figura 20: Desastre de foto na sala Fernando Moser (FLUL)

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 21: Dia de aniversário

Fonte: Acervo pessoal.

Permaneci na Faculdade de Lisboa de fevereiro a março de 2006⁷. Lá, na FLUL, as etapas constantes do plano de trabalho proposto à Capes, na época da candidatura à bolsa de doutoramento sanduíche, foram desenvolvidas na universidade e em uma escola pública da cidade.

Os dados foram elaborados/organizados em reuniões individuais e em seminários da Pós-Graduação, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Gouveia. Para a análise dos dados, importantes foram as participações em sessões de discussão no grupo de pesquisa coordenado por esse professor – atividade da pós-graduação relacionada à pesquisa. Participei também de aulas na graduação, como ouvinte.

Na ocasião da minha chegada à FLUL, fiquei sabendo da vinda do Prof. Dr. James R. Martin, da Universidade de Sydney, que, na primeira quinzena de fevereiro, ministrou o seminário “Genre based Literacy Pedagogy”, do qual participei com entusiasmo.

⁷ O embarque para Lisboa aconteceu no dia 31 de janeiro. O retorno, em 5 de junho.

Na Escola Preparatória de Eugénio dos Santos⁸, assisti a aulas de Língua Portuguesa para coletar dados, a fim de comparar as realidades brasileira e portuguesa a respeito da relação entre ensino e relações de gênero, no Ensino Fundamental (nomenclatura brasileira).

No ano do retorno das terras de Cabral, em decorrência da pesquisa realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, participei de alguns eventos. Dois deles foram:

- 1) no 33º Congresso Internacional de Linguística Sistêmico-Funcional (<http://www.pucsp.br/isfc/Welcome.html>), realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em julho de 2006. Em minha apresentação, uni as teorias que estudei na Faculdade de Lisboa, ou seja, a Linguística Sistêmico-Funcional, o Gênero Social e o Gênero Discursivo. Nesse mesmo congresso, ainda participei de curso oferecido pelo Prof. Dr. Carlos A. M. Gouveia, meu coorientador da Universidade de Lisboa, e de outro pesquisador renomado, Christian Matthiessen, nos dias 17, 18 e 19 de julho de 2006; e
- 2) no SILEL (XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística / I Simpósio Internacional de Letras e Linguística – <http://www.ileel.ufu.br/silel2006>), que aconteceu na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em novembro de 2006.

Em relação à experiência acadêmica vivida, não sei se vou encontrar palavras suficientes para descrever o quanto ela foi positiva, mesmo com os apertos pelos quais passei, mais uma vez, não sozinha.

A língua, apesar de algumas divertidas diferenças, é a mesma; ou seja, não houve necessidade de grandes e sofridos períodos de adaptação. A bolsa foi suficiente para viver, comprar livros, desenvolver a pesquisa e até passear. Isso possibilitou o conhecimento, ainda que pequeno, de outro modo de vida, de outro modo de pensar.

A experiência foi inenarrável. Nesse pequeno registro, há apenas uma amostra do que foi passar esses meses nessa universidade, na companhia da amiga Cida Ottoni, do coorientador, das pessoas que conheci e que me acolheram, em especial, Isabel Serrano, na casa de quem tive teto. Debaixo desse teto, ficava pensando se ela não seria parente da Meryl Streep que, nem de longe, vestia Prada. Um doce de pessoa!

⁸ No Português de Portugal, há algumas diferenças em relação à acentuação das palavras – tentei manter a escrita como lá. Por exemplo: gênero, registo, sistêmico.

Figura 22: Isabel Serrano



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 23: Reitoria da FLUL



Fonte: Acervo pessoal.

Após o retorno da Faculdade de Letras de Lisboa (FLUL), em 2007, defendo a tese.

Figura 24: Defesa do Doutorado. Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães e eu.



Fonte: Acervo pessoal.

Na ocasião, o cansaço e a vontade de vencer aquela etapa eram grandes. A melancolia pesava.

Outra etapa da minha formação pode ser visualizada assim:

Quadro 2: Pós-graduações

PERÍODO	NÍVEL	INSTITUIÇÃO	LOCALIDADE
1993-1995	Especialização	UFU	Uberlândia
1995/1 – 1997/2	Mestrado Linguística	UnB	Brasília
2003/1 – 2007/1	Doutorado - Linguística	UnB– Brasília / FLUL- Lisboa	Brasília / Lisboa

Ainda trabalhando na Faculdade Católica de Uberlândia e na Faculdade Politécnica de Uberlândia, traço planos para estudar e prestar concursos.

Até essa época, o desenho de minha vida profissional era este:

Quadro 3: Atuação profissional

18/01/1989 - 09/10/1990	CCO Empreendimentos Imobiliários	Desenhista
1993-1995	UFU	Professora substituta
04/08/1997 – 01/02/1999	Associação Anchieta de Educação e Cultura - Anglo	Professora
16/02/1998 – 15/02/2000	UFU - substituta	Professora substituta
01/04/1998 – 21/08/1998	Associação Anchieta de Educação e Cultura - Anglo	Monitora
01/09/1998 – 15/01/1999	Centro de Estudos Antônio Gramsci	Professora
01/03/1999 – 22/02/2002	Associação Anchieta de Educação e Cultura - Anglo	Monitora
01/09/2001 – 31/12/2003	Instituto Politécnico de Ensino - FPU	Professora
01/03/2003 – 02/09/2010	Sociedade Católica de Educação de Uberlândia	Professora
01/02/2004 – 16/03/2011	Instituto Politécnico de Ensino - FPU	Professora
1999-2002	Unicaldas	Professora
22/01/2009 até a presente data	Universidade Federal de Uberlândia	Professora efetiva

O plano era coletar pontos de concursos — a internet já fazia isso possível — , estudar guiada por eles, participar de eventos em Uberlândia e fora, o quanto fosse financeiramente possível, e prestar concursos onde houvesse o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), então o local de trabalho do Flávio.

Cheguei a me inscrever em um concurso na região Norte. Após a inscrição, avisariam a data da prova. Fiquei aguardando. Não avisaram. Ao ligar para a instituição para saber sobre a prova e me organizar, informaram que ela já havia acontecido. Bem, não entendi, enfim...

Surgiram concursos na UFU. Prestei um, nada. Prestei outro, em segundo lugar.

Sobre esse concurso: realizado em três etapas, em 23 e 24 de junho de 2008 - Prova Escrita, Prova de Títulos e Prova Didática -, ele atendeu ao Edital nº 021/2008 de Concurso Público de Provas e Títulos, expedido pelo Pró-Reitor de

Recursos Humanos da UFU em 2 de maio de 2008, e às Resoluções CONDIR 08/2007, de 13/07/2007, e 002/2008, de 03/06/2008, do Conselho do Instituto de Letras e Linguística.

Como havia ficado em segundo lugar⁹, lamentei e segui a vida com vistas a continuar meu plano de estudos e a me inscrever em outros pleitos.

E eis que, um dia, ao digitar no meu computador de mesa, branco e enorme, recebo um e-mail da universidade. Quando abri, lia, relia... teimava em pensar que não estava entendendo aquilo, mas as lágrimas corriam, corriam. Tentei me acalmar um pouco e liguei para o número de telefone que constava no e-mail, porque teimava em não acreditar. Quem atendeu à minha ligação foi a Regina Célia Vidal da Silva, gerente da Divisão de Apoio ao Docente¹⁰. Era verdade: eu deveria levar meus documentos para, na data marcada, tomar posse.

A professora que mora em uma casa que parece de boneca, a então diretora do ILEEL-UFU, Maria Inês Felice, com tamanha gentileza, me chamou para conversar, e um dos temas foi saber se eu tinha certeza de tomar posse, pois o cargo era para professor de 20 h¹¹. Não titubeei. Tomei posse no dia 22/01/2009.

⁹ MI/ILEEL/UFU/554/2008.

¹⁰ MI/PROREH/DIADO/161/2009.

¹¹ Pela interferência dos colegas, em especial de Evandro Martins, a quem eu sempre dizia: “_ Quando eu crescer, quero ser igual a você!”, foi possível passar para professora 40h/DE (Processo 23117.002151/2011-51), quando, no mesmo dia, me desliguei da rede privada por completo. Entre posse como professora 20h e, depois, professora 40h/DE. Ofício do Núcleo, assinado, em 02/03/2011, pela Profa. Dra. Simone A. Floripi, coordenadora do NUPLI, solicitando alteração de carga horária semanal de 20h para 40h/DE. A essa solicitação, estava anexada carta por mim redigida com as justificativas para a realização de tal alteração. Atestado, assinado pela diretora do ILEEL, Profa. Dra. Maria Inês Vasconcelos Felice, de que o Conselho do Instituto de Letras e Linguística, reunido em 15/03/2011, aprova a solicitação do Núcleo de Língua Portuguesa e Linguística relativa à alteração de regime de trabalho de 20h para 40h/DE. PORTARIA PROREH/UFU/ N. 637, DE 25 DE MARÇO DE 2011 altera, de acordo com o Art. 14, do Decreto 94.664/87 e da Resolução n. 03/94 do CONSUN, o Regime de Trabalho de 20 horas semanais para Dedicção Exclusiva a partir de 16/03/2011. A direção do ILEEL encaminha MI/ILEEL/UFU/041/2011, em 21/03/2011, para o Pró-reitor de Recursos Humanos, Prof. Dr. Sinésio Gomide Júnior, solicitando que, tendo em vista a aposentadoria da Profa. Dra. Waldenice Moreira Cano, seja publicado o edital para preenchimento dessa vaga com o regime de trabalho de 20h.

Figura 25: Dia da posse como docente UFU



Fonte: Acervo pessoal.

Nesse dia, algo me chamou a atenção e trago isso comigo até hoje: o então reitor, Alfredo Júlio Fernandes Neto, disse, em seu pronunciamento, que, a partir de então, todos nós, independentemente do cargo, estaríamos ali para servir ao povo. Nunca me esqueci disso e sigo sempre com o esforço de melhor servir ao povo.

Histórias? Muitas. Desde pequena, passando pelo ensino básico, graduação e pós-graduação, até as primeiras experiências profissionais: experiências que me trariam até aqui.

No próximo capítulo, narro/descrevo parte da trajetória realizada após a posse na Universidade Federal de Uberlândia, em 22 de janeiro de 2009: **O Depois.**

CAPÍTULO II

O DEPOIS

INTRODUÇÃO

Dedico-me, neste capítulo, a contar alguns dos fatos de minha vida que ocorreram após eu tomar posse na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como docente. São fatos reconstruídos pela memória, que remexem coisas do já esquecido e que relembro como é possível. Então, vamos ao **Depois**.

O Depois refere-se ao período entre a posse como professora efetiva, com regime de trabalho de 20 h, em 22/01/2009 (Livro nº 04, Folha 416), até o fim do ano civil de 2024. Trato dos momentos mais marcantes da carreira docente no Instituto de Letras e Linguística. Muitas são as memórias; por isso, elencá-las todas é impossível!

Para tomar posse, desliguei-me da Faculdade Católica e passei a trabalhar na Faculdade Politécnica, onde ainda trabalhava. Choro, posse, início. Como a posse foi em janeiro, iniciei o trabalho durante as férias acadêmicas. Enfim... relatos a seguir... Não sem antes falar das parcerias que tive e tenho — imprescindíveis, maravilhosas. Frutos também dessas parcerias, passo a descrever/relatar o mais marcante desse interstício, de 2009 a 2025, de acordo com o tripé que sustenta a universidade¹²: ensino, pesquisa e extensão.

Mas, como o tripé virou quadrado, com o acréscimo de um pilar: a gestão.

¹² Art. 207 da CF/88.

2.1 Ensino

Em 2009, o semestre letivo teve início em 2 de março. De janeiro a março, fui conhecendo um pouco da estrutura do ILEEL-UFU, quando já fui acolhida por amigos cuja presença em minha trajetória foi muito importante. Deixaram e deixam meu coração quentinho.

Pensamos e elaboramos projetos juntos. Iniciamos uma profícua parceria.

Iniciado o semestre acadêmico, com imensa alegria, fui para a sala de aula. No primeiro ano, fiquei responsável pelas disciplinas Metodologia de Pesquisa em Letras, Língua Portuguesa: Estilística e Prática de Ensino de Língua Portuguesa. Nos semestres/anos subsequentes, muitas disciplinas (Quadro 4).

No primeiro dia, em uma sala de aula da UFU, como docente efetiva, embora já tivesse experiência no ensino superior, inclusive nesta instituição, as pernas tremiam. A emoção era tanta! Tanta! Tanta! Dentro de mim, a alegria saltitante de ter chegado ao lugar onde alguns exemplos e contraexemplos da graduação estavam – naquele Olimpo que antes eu julgava inatingível. Era colega de alguns que ainda estavam lá.

Cheguei! E o medo de não dar conta, de não corresponder?

Junto das aulas, da alegria, também reuniões, projetos de extensão, orientação de Iniciação Científica! Quanta coisa! Medo! Sobrecarga! Melancolia!

Com tudo isso, tudo foi, e ainda é, muito bom! O ano passa e, no primeiro relatório de progressão, vem o resultado do trabalho. Vários outros relatórios foram feitos e, em todos eles, a visão do trabalho realizado foi a de que foi feito o melhor possível, assim como eu gostaria que fosse e ainda continua sendo.

Nesse interstício, trabalhei com muitas turmas. Todas elas muito queridas, muito significativas para mim:

Quadro 4: Turmas com as quais trabalhei entre 2009 e 2024

Ano	Curso	Disciplina	Sem.	Quantidade de Alunos	Carga Horária
2009	Graduação em Letras: Habilitação em Português/Inglês e Literaturas-Licenciatura -Noturno	Língua Portuguesa 9: Estilística	1º	42	60
	Graduação em Letras: Habilitação Português/Inglês e Literaturas-Licenciatura -Diurno	Língua Portuguesa 9: Estilística	1º	30	60
		Prática de Ensino de Língua Portuguesa	2º	10	90
	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Ciclo Básico	Metodologia de Pesquisa em Letras	1º	14	60
2010	Graduação em Letras: Habilitação em Português/Inglês e Literaturas-Licenciatura -Noturno	Prática de Ensino de Língua Portuguesa	1º	15	90
		Língua Portuguesa 9: Estilística	2º	22	60
		Prática de Ensino de Língua Portuguesa	2º	14	90
	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Linguística Aplicada e Ensino de Língua Portuguesa	1º	34	60
2011	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Prática de Ensino de Língua Portuguesa	1º	10	60
		Linguística Aplicada e Ensino de Língua Portuguesa	1º	40	60
		Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa	1º	31	60
		PIPE 6: Língua Portuguesa - A gramática nos livros didáticos	1º	24	30
		Variação Linguística	2º	29	60
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	2º	10	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	2º	10	45
2012	Graduação em Letras a distância: Licenciatura - PARFOR - Araxá - Primeira Licenciatura com Habilitação em Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola	Estudos do Texto: Coesão, coerência e tipologia integrada à prática educativa II (PIPE II)	1º	9	105
	Graduação em Letras a distância: Licenciatura - PARFOR - Uberlândia - Primeira Licenciatura com Habilitação em Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola	Estudos do Texto: Coesão, coerência e tipologia integrada à prática educativa II (PIPE II)	1º	17	105
	Graduação em Letras a distância: Licenciatura - PARFOR - Patos de Minas - Primeira Licenciatura com Habilitação em	Estudos do Texto: Coesão, coerência e tipologia integrada à prática educativa II (PIPE II)	1º	4	105

	Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola				
	Graduação em Letras a distância: Licenciatura - PARFOR - Uberaba - Primeira Licenciatura com Habilitação em Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola	Estudos do Texto: Coesão, coerência e tipologia integrada à prática educativa II (PIPE II)	1º	17	105
	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	14	75
Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2		1º	17	90	
PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas		1º	17	45	
Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2		2º	13	90	
2013	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Ciclo Básico	Estudos do Texto: Coesão, coerência e tipologia	1º	19	60
		Pipe 1: Línguas estrangeiras	1º	3	30
	Curso de Mestrado Profissional em Letras (em rede)	Texto e Ensino	2º	29	45
	Graduação em Letras: Licenciatura - Matutino - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Metodologia de Pesquisa em Letras	1º	34	60
	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estudos da Significação: Semântica e Pragmática	1º	34	60
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	14	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	14	45
	2014	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	15
PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas			1º	14	45
Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2			2º	13	90
2015	Graduação em Letras: Licenciatura - Matutino - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	12	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	12	45
	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	15	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	14	45
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2	2º	15	90

		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2	2º	9	90
2016	Graduação em Letras: Licenciatura - Matutino - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	14	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	15	45
	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	10	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	15	45
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2	2º	16	90
2017	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	9	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	9	45
		Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa em Diferentes Contextos	2º	17	60
		PIPE 4: Investigando necessidades e interesses para o ensino de Língua Portuguesa em diferentes contextos	2º	19	30
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2	2º	10	90
2018	Graduação em Letras-Inglês a distância: Licenciatura - Araxá	Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à Prática Educativa (PIPE I)	1º	14	105
	Graduação em Letras-Inglês a distância: Licenciatura - Coromandel	Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à Prática Educativa (PIPE I)	1º	13	105
	- Graduação em Letras-Inglês a distância: Licenciatura - Patos de Minas	Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à Prática Educativa (PIPE I)	1º	13	105
	Graduação em Letras-Inglês a distância: Licenciatura - Viradouro	Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à Prática Educativa (PIPE I)	1º	13	105
	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	9	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	9	45
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2	2º	18	90
2019	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	12	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	14	45
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2	2º	9	90

2020	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura - Noturno	PROINTER III - Práticas em Língua Portuguesa	1º	12	90
	Graduação em Letras: Licenciatura - Noturno - Habilitação Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1	1º	12	75
		PIPE 7: Língua Portuguesa - Seminários de práticas educativas	1º	9	45
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 2	2º	9	90
2021	Graduação em Estatística: Bacharelado - Noturno	Português Instrumental	1º	11	72
	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura – Matutino	PROINTER III - Práticas em Língua Portuguesa	2º	11	90
	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura - Noturno	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I	1º	7	105
		PROINTER III - Práticas em Língua Portuguesa	2º	8	90
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa II	2º	10	105
2022	Graduação em Tradução: Bacharelado - Noturno	Estudos do Texto: Coesão, Coerência e Tipologia	1º	20	60
	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura - Matutino	Fundamentos de Linguística Estruturalista	1º	1	60
		Linguística e Ensino de Língua Portuguesa com ênfase em Ensino em Gramática	1º	1	60
		Linguística e Ensino de Língua Portuguesa com ênfase em Escrita e Reescrita de Textos	1º	1	60
		PROINTER III - Práticas em Língua Portuguesa	2º	21	90
	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura - Noturno	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I	1º	9	105
		PROINTER III - Práticas em Língua Portuguesa	2º	11	90
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa II	2º	5	105
2023	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura - Matutino	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I	1º	4	105
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa II	2º	5	105
	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura - Noturno	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I	1º	9	105
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa II	2º	10	105
2024	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I	1º	6	105

	Portuguesa: Licenciatura - Matutino	PROINTER III - Práticas em Língua Portuguesa	2º	12	90
	Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura - Noturno	Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I	1º	10	105
		Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa II	2º	4	105
TOTAL:				1185	6372

Em cada uma dessas disciplinas ministradas, mil histórias.

Da aluna que eu achava estranha, do aluno que saía da aula e ia vender picolé e da aluna cheia de energia, com seus óculos de aro vermelho, que nos deu a alegria de passar pelo Núcleo de Língua Portuguesa e Linguística (NUPLI) como professora substituta. Torço para que a trajetória dela seja ainda melhor do que a minha.

Em uma das turmas, uma aluna, sempre cabisbaixa, parecia emburrada. Aquilo me incomodava imensamente. Com as cismas de quem se comporta como iniciante, pensava que era comigo. Ao assumir o cargo de coordenadora de curso, tive a honra de lutar por aquela pessoa. Ela, assim como algumas pessoas de sua família, apresentava uma doença ocular que, paulatinamente, vinha reduzindo seu campo de visão. Com dificuldades, ela frequentava as aulas. Na coordenação, já tendo passado algum tempo, lutei para que ela tivesse a chance de concluir a única disciplina que ainda restava para se formar, restando-lhe pouco do campo de sua visão e as possíveis consequências disso. Formar-se seria importante para ela.

O rapaz do picolé, agitado! Conversava muito comigo. Um dia, me deu um dos contos que escrevia. Lindo. Infelizmente, não mais o tenho. Pelo que ouvi de alguém e, pensando na descrição daquele ser humano e na descrição que fizeram de um ocorrido para mim, não sei se ele ainda vive.

A aluna cheia de energia, cujos óculos atuais ainda são vermelhos, ainda se lembra de minha primeira aula, introduzida pelo poema “Meninos carvoeiros”, de Cecília Meireles. Ela me lembrou disso. Eu já não me lembrava mais.

Um dia, perto do início do semestre letivo, entro no sistema. Confiro os diários. Meu Deus! Em um deles, em uma turma de estágio, o nome de uma aluna... surda.

Desespero! Por um momento, perdi a lucidez e me perguntava como daria

aulas, pois não sabia Libras... Como faria?! Bem, passado o desespero que tirou meu juízo, lembrei que, há tempos, havia, na UFU, intérpretes para os alunos surdos. Comecei a reencontrar meu eixo. Passado mais um tempinho, comecei a estudar para atender às necessidades da aluna. Li, li, li... mas... continuei sem saber como fazer. Então, em um momento de apaziguamento interno, pensei no que faria e, no primeiro dia de aula com ela, entrei na sala de aula, esperei todos chegarem. Ela e a intérprete também chegaram.

Iniciei a aula dizendo que todos eram muito bem-vindos. Fiz apresentações iniciais e disse que tínhamos uma oportunidade ímpar de convivência e de aprendizado. Dirigi-me a ela – com a intervenção da intérprete – e falei da minha ignorância, da minha falta de conhecimento para lidar com uma pessoa com deficiência auditiva. Mas que ela era muito bem-vinda ali e que, como a primeira aluna surda na minha trajetória, perguntei se ela poderia me ensinar a trabalhar com ela. Que eu estava disposta, aberta. E, se, no caminho, eu fizesse algo que soasse preconceituoso ou desrespeitoso, era para ela me ensinar como proceder. Enfim... conversei também com a turma, afirmando que aquele semestre seria a oportunidade de todos ali aprenderem a lidar com a diferença – o que, certamente, também encontrariam na vida profissional.

E assim o semestre teve início: do desespero àquilo que nos ensinou com sensibilidade. A aluna formou-se! Acho que eu e os colegas passamos na disciplina. Ela nunca puxou nossas orelhas!

Muitas histórias: da aluna cuja mãe faleceu devido a um câncer; da aluna cujo marido se separou, deixando-a com contas a pagar e obrigando-a a vender seu único teto para dar conta da vida; da aluna com deficiência auditiva, que teve dificuldades para realizar a desejada Iniciação Científica (IC). Hoje, ela é técnica administrativa na UFU, com o doutorado concluído. Um dia, seu pai me recebeu em sua casa com uma linda canção ao violão, desejando-me as boas-vindas, e de tantos e tantos outros... afetos!

Figura 26: Pai de aluna ao violão



Fonte: Acervo pessoal. [Link vídeo](#)

Imaginem como é grande a minha coleção! A aluna que se casou de vermelho, cujo filho foi nomeado mascotinho de um dos eventos organizados no ILEEL-UFU. Hoje, de mascotinho, ele deve ter só as fotos. A aluna que se casou quebrada. Sim, quebrada. Um dia antes do casamento na igreja, sofreu um acidente. Não adiou o casamento. Entrou na igreja em um estado! Mas... sigamos!

Com tudo isso, mesmo tendo de passar pelo purgatório... ops... probatório¹³, relaxei um pouco e passei a dedicar mais tempo para aquilo que já me chamava: olhar para o outro no seu lado humano e não só acadêmico. Aliás, mais para o humano, até onde eu conseguia e podia. Enfim... que experiência fantástica, que me fez rever a mim e a vida. O que eu queria para mim a partir disso? Dentro das minhas limitações, olhar o outro profundamente, humanamente! E, nesse modo de olhar, a extensão me chamou. Falaremos dela depois.

No ensino da graduação, pelo teor da disciplina Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, finalizei 360 orientações para a docência, com visitas a escolas,

¹³ Término do período probatório: 22/01/2012. Termo de homologação assinado em 31/01/2012.

acompanhamento de regência, elaboração de planos de aula e produção de 360 relatórios. Na disciplina Projeto Integrado de Práticas Educativas (PIPE), realizei 242 orientações e, em Práticas em Língua Portuguesa (PROINTER), 47, totalizando 649 orientações de trabalhos práticos.

No ensino, tentar aprender. Sim, aprender. Aprender aquilo de que precisamos para, fora dos muros da universidade, chamar mais gente para aprender: os discentes da educação básica e do ensino médio. Aqueles que podemos ensinar a sonhar com voos altos, acreditando naquilo que são capazes de fazer, apesar de tudo.

2.2 Pesquisa

Para mim, a pesquisa engloba um conjunto de coisas. Coisas essas que, por vezes, também dialogam com o ensino e com a extensão. Como deve ser. Enfim... projetos, bancas, grupos de estudo e pesquisa.

Quando iniciei na UFU, cadastrei o projeto “Gêneros discursivos e discurso: subsídios para o ensino”. A esse, outros se seguiram, sob minha coordenação ou em parceria com colegas: “O ensino da língua portuguesa no Brasil e em Portugal: bases epistemológicas”; “Para um glossário dos termos das ciências naturais do ensino fundamental”; “Imprensa negra: discursos e representações”; “Glossário dos termos gramaticais e suas respectivas etimologias”; “Discursos e representações em gêneros literários”.

Participei de algumas bancas. Em cada uma delas, há histórias de luta de quem conseguiu chegar ao fim de um projeto de vida. Em especial, uma delas: “A comunicação na comunidade discursiva da igreja católica apostólica romana: das cartas dos apóstolos a gêneros textuais atuais”. Para mim, a autora, ao concluir essa tese, deu-me um presente para fechar bem um ciclo em sua luta contra um câncer.

Participei de grupos – momentos de troca e de construção. Participei/participo de grupos cujas temáticas centrais eram/são Análise de

Discurso Crítica, Texto, Linguagem e Sociedade, Metodologia de Ensino, Políticas Públicas, Relações Étnico-Raciais.

Já na pós-graduação, minha incursão foi rápida. Entrei no Profletras em 2013, na primeira turma.

Figura 27: Apresentação Profletras



Fonte: Acervo pessoal.

No dia da apresentação do corpo docente aos ingressantes, eis que tive a surpresa de ter sido escolhida como orientadora por três mulheres, sendo uma delas de Uberlândia e as outras duas de Brasília.

Senti naquela coincidência um *déjà vu*. Estrada, trabalho, correria, parceria! Uma delas, com dois filhos que vinham junto com o marido em sua empreitada, concluiu o mestrado com quatro filhos. Acho que tiveram de trocar de carro para caber a turma toda! Outra orientanda tinha um “carro” que a acompanhava sempre. Sua cadeira de rodas a levava onde o corpo tinha dificuldades de ir, de chegar. A outra, mais nova, casou-se depois e, até onde sei, tem uma menina que ilumina seus dias. Todas lutadoras! Cada uma, a seu modo!

Essas orientandas? Dedicadas, interessadas. E eu? Na minha avaliação, deixei a desejar no fazer da orientação. Meu perfil era, e ainda é, o de estar com o povo, aquele povo com o qual falamos sobre “troca de saberes com a comunidade externa”, ou seja, a extensão, sobre a qual falaremos mais tarde. No Profletras, ministrei a disciplina Texto e Ensino (CH: 45h) no primeiro semestre de 2013, com

29 alunos.

Nesse tempo, pude perceber algumas dores que ficam fora do Lattes daquelas pessoas que se esforçam pelo ensino, pelo saber, pela possibilidade de ensinar melhor e, sim, pelo salário, que, para muitas delas, era parco, colocando o educador no lugar de quem tem de correr atrás de complementos, driblando jornadas exaustivas, intervenções, falta de parceria, julgamentos. Sim... julgamentos!

Nas pesquisas orientadas, muito aprendizado sobre aquilo que cada uma das orientandas escolheu como foco de luta, de olhar acurado.

Quadro 5: Atividades de orientação

Nome da orientanda	Dissertação
Caroline Costa Silva	Os gêneros anúncio publicitário e anúncio de propaganda: uma proposta de ensino ancorada na análise de discurso crítica
Lúcia Maria de Almeida	Ensino com o gênero conto: contribuições da análise de discurso crítica para a implementação da Lei nº 10.639/03
Mauricéia Lopes Nascimento de Sousa	O protagonismo de personagens negros em contos infantis: contribuições da análise do discurso crítica para o ensino de língua portuguesa em uma classe hospitalar

Ao encerrar o processo com as três orientandas, pedi o desligamento do Profletras, em agosto de 2016. Parei de orientar? Formalmente, sim. Informalmente, quanto prazer nisso!

Ensino, pesquisa... chega a vez da extensão, meu foco principal.

2.3 Extensão

A extensão chegou de forma enviesada. Como, em 2009, eu já trabalhava com estágio, uma colega da área de Inglês falou que, nesse componente curricular, havia muita possibilidade de extensão, ou seja, de troca de saberes entre comunidade externa e interna, para além das atividades de ensino.

A partir disso, fui saber como fazer. Aprendi, na época, que o primeiro passo era o cadastro de um projeto de extensão na Coordenação de Extensão e Educação

Continuada em Letras (CECLE¹⁴), projeto esse diferente daquele feito para a pesquisa, pois a extensão tem suas peculiaridades. Fiz.

Fiz o projeto e dei entrada. Bem, a ação foi bem executada e repetida muitas vezes. Já o projeto... não quero nem mostrar, pois, à época, não ficou nada bem feito. O que dizer disso hoje? Evoluí. Que bom!

Passado algum tempo, surgiu a oportunidade de integrar o colegiado da CECLE. Nossa... quis muito fazer parte desse colegiado, pois vi nisso a oportunidade de aprender mais sobre extensão e de fazer um projeto decente. Participei dessa equipe com alegria por muito tempo. E ainda quero voltar!

Emiti vários pareceres!

Nesses anos de participação no colegiado da CECLE, emiti 53 pareceres entre 2015 e 2019 e entre 2022 e 2023.

Quadro 6: Pareceres emitidos na CECLE

ANO	NÚMERO DE PARECERES DADOS
2015	6
2016	8
2017	12
2018	9
2019	8
2022	7
2023	3

Esses pareceres eram emitidos para projetos de colegas do ILEEL. Em reuniões do colegiado, todos os seus membros levavam os projetos – alguns ainda do tempo do papel – e discutíamos os pareceres, suas pertinências ou não. Aprendemos muito.

No SIEX¹⁵, quando coordenadora de extensão da UFU, até o fim de 2024, emiti 875 pareceres. Foram pareceres diversos: de ações de diversas unidades, de editais... enfim... muitas experiências. Ter participado da CECLE fez muita diferença!

¹⁴ O Sistema de Informação de Extensão (SIEX) não existia ainda.

¹⁵ Que surge bem depois.

Em 2009, o SIEX (Sistema de Informação de Extensão) ainda não existia. Por isso, elenco alguns dos projetos cadastrados nesse sistema, a partir de sua implantação, dos quais também fui coordenadora e que foram desenvolvidos não apenas por mim, mas em parceria com Eliana Dias e Paula Arbex, em um trabalho e parceria que extrapola o mero registro formal.

Quadro 7: Projetos cadastrados

PROJETOS CADASTRADOS DE 2011 A 2024 COM AS RESPECTIVAS QUANTIDADES DE CERTIFICADOS EMITIDOS NO SIEX				
Nome do Projeto	Registro	Ano	Modalidade	Quantidade Certificados
1. Ensino e Educação a Distância	9307	2011	Evento	51
2. Texto na Escola (Versão 1-2011)	9335	2011	Projeto	42
3. Hora do Reforço: Leitura e Produção de Textos - 2011-1	9336	2011	Projeto	30
4. Prática Docente e Cuidados com a Voz	9380	2011	Evento	29
5. Contribuições da Fonoaudiologia para a Prática Docente	9381	2011	Evento	32
6. Gramática: Ensino Produtivo	9622	2011	Projeto	17
7. Texto na Escola: Leitura e Produção Versão 2/2011	9623	2011	Projeto	28
8. Seminário de Práticas Educativas: Pipe 7 (Noturno)	9642	2011	Evento	45
9. Seminário de Práticas Educativas: Pipe 7 (Matutino)	9643	2011	Evento	39
10. Hora Do Reforço: Leitura E Produção De Textos - 1-2012	9761	2012	Projeto	53
11. Texto Na Escola (1-2012)	9762	2012	Projeto	82
12. Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Matutino	9768	2012	Evento	35
13. Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Noturno	9769	2012	Evento	63
14. Ciclo de Debates: Linguagem e Sociedade: Abordagens Múltiplas (1-2012)	9791	2012	Projeto	26
15. Linguagem e Sociedade: Imprensa Negra do Século XIX (1-2012)	9816	2012	Projeto	18
16. Oficinas de Produção Textual no Centro de Convivência e Cultura da Rede de Saúde Mental de Uberlândia	10064	2012	Projeto	12
17. Ciclo de Debates: Linguagem e Sociedade: Abordagens Múltiplas (2-2012)	10160	2012	Projeto	28
18. Linguagem e Sociedade: Imprensa Negra do Século XIX e Representações do/a Negro/a na Imprensa (2-2012)	10161	2012	Projeto	17
19. Leitura na Escola (1-2013)	10513	2013	Projeto	62
20. Projeto Trabalhando com Gêneros na Escola (1-2013)	10514	2013	Projeto	74
21. Conversando com o Professor do Ensino Básico	10523	2013	Projeto	158
22. Projeto Cuidando da Voz	10749	2013	Projeto	89
23. Ciclo de Debates: Linguagem e Sociedade: Abordagens Múltiplas (1-2013)	10789	2013	Projeto	55
24. Linguagem e Sociedade: Imprensa Negra do Século XIX e Representações do/a Negro/a na Imprensa (1-2013)	10790	2013	Projeto	51
25. Projeto Trabalhando com Gêneros na Escola (Jun-Set/2013)	11208	2013	Projeto	60
26. Leitura na Escola (Jun-Set/2013)	11209	2013	Projeto	84
27. Conversando com o Professor do Ensino Básico (1 - 2013)	11223	2013	Projeto	116
28. Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Noturno (1-2013)	11238	2013	Evento	66
29. Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Matutino (1-2013)	11239	2013	Evento	54

30.	Conversando com o Professor Do Ensino Básico (1 - 2014)	11597	2014	Projeto	87
31.	Leitura na Escola (Jan-Mar 2014)	11612	2014	Projeto	70
32.	Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Noturno (1-2014)	11937	2014	Evento	127
33.	Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Matutino (1-2014)	11938	2014	Evento	49
34.	Conversando com o Professor do Ensino Básico (Jul-Ago-2014)	11994	2014	Projeto	82
35.	Diálogos sobre Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional (2014)	12074	2014	Projeto	43
36.	Leitura e Produção de Textos	12171	2014	Projeto	100
37.	Língua Portuguesa e Literatura para Estrangeiros: Adentrando em Terras Brasileiras	12563	2014	Projeto	35
38.	Português Instrumental: Gêneros Textuais da Academia	12564	2014	Projeto	29
39.	Português: Gramática e Texto	12643	2015	Projeto	33
40.	Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Matutino (1-2015)	12903	2015	Evento	50
41.	Seminário de Apresentação De Pipe - Sapi Noturno (1-2015)	12904	2015	Evento	50
42.	Diálogos Sobre Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional (2015)	12951	2015	Projeto	19
43.	Leitura e Produção de Textos - Segunda Edição	13018	2015	Projeto	38
44.	Projeto Trabalhando com Gêneros na Escola (Quarta Edição)	13026	2015	Projeto	10
45.	Relações Étnico-Raciais: Discussões Introdutórias	13040	2015	Projeto	55
46.	Fundamentos Gramaticais da Língua Portuguesa	13295	2015	Projeto	60
47.	Leitura na Escola (2- 2015)	13314	2015	Projeto	27
48.	Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Noturno (1-2016)	13958	2016	Evento	64
49.	Seminário de Apresentação de Pipe - Sapi Matutino (1-2016)	13959	2016	Evento	62
50.	Contribuições da Análise de Discurso Crítica para Análise de Gêneros (2016-1)	14000	2016	Projeto	37
51.	Conversando com o Professor Pesquisador	14102	2016	Projeto	42
52.	Leitura na Escola (1- 2016)	14233	2016	Projeto	7
53.	Relações Étnico-Raciais: Discussões Introdutórias (Edição 2/2016)	14240	2016	Projeto	71
54.	Produção de Textos na Escola (Edição 1/2016)	14242	2016	Projeto	92
55.	Fundamentos Gramaticais Da Língua Portuguesa	14641	2016	Projeto	57
56.	Conversando com o Professor do Ensino Básico (2016-2)	14731	2016	Projeto	71
57.	Trocando Experiências Docentes (Edição 1-2017)	15205	2017	Projeto	245
58.	Fundamentos Gramaticais da Língua Portuguesa (Edição 2017)	15206	2017	Projeto	29
59.	Leitura na Escola (Edição 1- 2017)	15207	2017	Projeto	41
60.	Assessorando Escolas Estaduais: Avaliação de Redações	15208	2017	Prestação de Serviços	35
61.	Revisão de Textos: Noções Básicas (2-2017)	16098	2017	Projeto	26
62.	Produção de Textos na Escola (Edição 2/2017)	16283	2017	Projeto	22
63.	Conversa sobre Escrita do Texto Acadêmico: Produção e Formatação do Texto	16315	2017	Curso/Oficina	69
64.	Sei Instrumental	17352	2018	Evento	35
65.	Organização de uma Coordenação de Extensão (1-2018)	17353	2018	Evento	33
66.	Vamos Falar de Extensão	17354	2018	Evento	106
67.	Roda de Conversa: Relações Raciais sob o Ponto de Vista da Psicologia e das Ciências Sociais	17358	2018	Evento	44
68.	Formação de Pareceristas Externos Siex-UFU	17390	2018	Evento	38
69.	Sei Instrumental - 1º Módulo	17581	2018	Evento	16
70.	Sei Instrumental - 2º Módulo	17582	2018	Evento	16

71.	Preenchendo Projetos no Siex-UFU - Versão 1 - Monte Carmelo	17657	2018	Evento	8
72.	Formação de Pareceristas Externos Siex- UFU - 2019	17849	2019	Evento	46
73.	Preenchendo Projetos no Siex- Ufu - 2019	17851	2019	Evento	47
74.	Conversando sobre a Importância da Extensão na Formação Acadêmica e Social de Universitários	17852	2018	Evento	33
75.	Conversando sobre a Importância da Extensão na Formação Acadêmica e Social de Universitários-2019	17853	2019	Evento	42
76.	Sei Instrumental: Noções Básicas (2019)	17855	2019	Evento	29
77.	Redigindo o Texto Acadêmico	18223	2018	Projeto	184
78.	Preenchendo Projetos no Siex-UFU - 2018	18309	2018	Evento	15
79.	Seminário de Apresentação de Pipe - 1-2019	19241	2019	Evento	164
80.	Políticas Públicas para o Ensino das Relações Étnico-Raciais: Aspectos Introdutórios	19282	2019	Evento	34
81.	Leitura e Produção de Textos - Conexões entre Letras e Enfermagem	19286	2019	Curso/Oficina	27
82.	II Mostra de Extensão e Cultura da UFU	20141	2019	Projeto	242
83.	Preenchendo Projetos no Siex-UFU (2019-2)	20208	2019	Evento	17
84.	Sei Instrumental: Noções Básicas (2019-2)	20210	2019	Evento	30
85.	Formação de Pareceristas Externos Siex-UFU (2019-2)	20212	2019	Evento	31
86.	Preenchendo Projetos no Siex-UFU (2019-2)	20294	2019	Evento	16
87.	Projeto de Apoio Institucional ao Bolsista de Extensão na ESEXC	21445	2020	Projeto	15
88.	(Re)Significando	23256	2020	Programa	12
89.	Acolhendo Trajetórias	23257	2020	Projeto	12
90.	Trocando Ideias	23324	2021	Projeto	394
91.	Seminário De Apresentação De Pipe - 1-2021	23367	2021	Evento	108
92.	Trocando Ideias - Versão 2/2020	24323	2021	Projeto	159
93.	Prointer III - Diálogos entre Discentes em Formação e Comunidade	24386	2021	Evento	24
94.	Trocando Ideias (Versão Janeiro-Abril De 2022)	25460	2021	Projeto	186
95.	A Lei 11.645/08 – Reflexões Sobre as Temáticas Indígena e Étnico-Racial na Educação	25543	2022	Curso/Oficina	122
96.	Trocando Ideias (Versão Maio - Agosto 2022)	26127	2022	Projeto	235
97.	Prointer III - Diálogos entre Discentes em Formação e Comunidade - 2022	26220	2022	Evento	33
98.	Vamos Dialogar sobre os Sentimentos?	26222	2022	Projeto	18
99.	Vamos Conversar um Pouco?	26240	2022	Projeto	31
100.	Vamos Dialogar sobre os Sentimentos? Segunda Versão	27069	2022	Projeto	23
101.	Trocando Ideias (Versão Dezembro 2022)	27628	2022	Projeto	43
102.	Falando sobre Cidadania e Educação	27638	2022	Projeto	105
103.	Consciência Negra: Nossas Culturas, Nossas Histórias	27754	2022	Projeto	362
104.	Trocando Ideias (Versão Fevereiro- Junho 2023)	28182	2023	Projeto	407
105.	Vamos Dialogar Sobre os Sentimentos? Terceira Versão	28192	2023	Projeto	24
106.	Histórias de Pretos: Troca de Saberes sobre Trabalho, Educação, Lazer e Família	28253	2023	Projeto	49
107.	Prointer III - Diálogos entre Discentes em Formação e Comunidade - Maio 2023	28273	2023	Evento	105
108.	A Lei 10.639/03 e a Prática Pedagógica da Capoeira	28350	2023	Projeto	141
109.	Trocando Ideias (Versão Agosto-Dezembro 2023)	29560	2023	Projeto	660
110.	Trocando Ideias - Vigésima Edição	30623	2024	Projeto	391
111.	Trocando Ideias - Edição 21	32325	2024	Projeto	426
TOTAL DE CERTIFICADOS EMITIDOS					8788

Esses registros foram feitos seguindo as diretrizes da extensão¹⁶:

I – a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade configurada pelo diálogo, a troca de conhecimento, a participação e o contato com as questões sociais complexas contemporâneas; II – a formação cidadã dos estudantes marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos de modo interprofissional e interdisciplinar, valorizada e integrada ao currículo; III – a produção de mudanças na própria IES e nos demais setores da sociedade a partir da construção e da socialização de conhecimentos; IV – a articulação ensino-pesquisa-extensão, ancoradas num processo pedagógico único, interdisciplinar, educativo, científico, social, cultural e político; e V – o respeito às diferenças bem como à diversidade de saberes constituídos nos diferentes contextos sociais em que a Universidade se fizer presente. (Resolução 25/2019 Consun UFU).

Imaginem o que aprendi trocando saberes não só com acadêmicos, mas também com o povo, com aqueles que estão com os “pés no chão”.

De todos os projetos coordenados/desenvolvidos, um chama a minha atenção: o “Trocando Ideias”, já em sua vigésima quarta edição. A ideia surgiu da necessidade de apresentar, especialmente aos discentes de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, a realidade atualizada da escola. Deu muito certo! E ainda está dando.

Ao desenvolver esse projeto, convidamos pessoas que trabalham com educação para conversar com os alunos e com aqueles interessados nas diversas temáticas abordadas no evento: cuidados com a voz, práticas exitosas em sala de aula, gestão escolar, psicologia e educação, entre outras.

No início, o formato do evento era presencial. Após a pandemia de Covid-19, o evento passou a ser online e seu alcance aumentou substancialmente.

Outro projeto extensionista do qual participei foi o “Curso de Aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-Raciais (REL)”, proposto pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

O REL foi um curso de 180h¹⁷; a distância, com tutoria, com polos em quatro

¹⁶ Resolução n. 25/2019, do Consun. Disponível em: <https://proexc.ufu.br/legislacoes/2019-resolucao-no-252019-do-consun-estabelece-politica-de-extensao-da-universidade>

¹⁷ Em atenção às diretrizes norteadoras do Edital nº 06, de 1º de abril, do MEC/SECAD, o Curso de Educação para

idades (Araguari, Patos de Minas, Carneirinho e Lagamar); cujo objetivo foi o de formar professores e profissionais da educação capazes de compreender os desafios e abordagens científicas das relações étnico-raciais, e, ainda, introduzi-los na prática pedagógica de espaços escolares, contribuindo para a redução de desigualdades étnico-raciais e, também, da defasagem de acesso e permanência a/na educação pela população negra, ao ser comparada aos dados estatísticos apontados pelo Ministério da Educação, principalmente na educação básica; subsidiar políticas públicas que traduzam o anseio e a valorização da cultura da população negra e dos excluídos socialmente; apoiar as atividades do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Uberlândia (NEAB/UFU), nas suas ações voltadas para a área de ensino, pesquisa e extensão; e formação de professores em educação para as relações étnico-raciais, visando contribuir com a implementação da Lei nº 10.639/03 em âmbito municipal, estadual e nacional.

Figura 28: Evento de abertura do REL



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 29: Abertura do Curso de Aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-Raciais (REL)

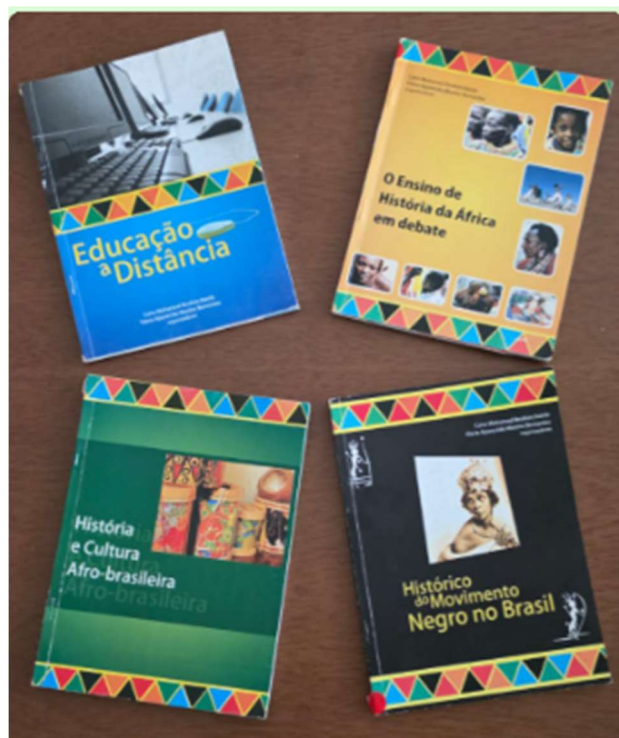
as Relações Étnico-Raciais terá carga horária total de 180 horas, com 40 horas de efetivas atividades presenciais e 140 horas de atividades virtuais, com duração média de 5 meses, numa distribuição de 36 horas-aula/mês, o que resulta em uma dedicação média de 90 minutos/dia.



Fonte: Acervo pessoal.

Nesse projeto, atuei em várias frentes, realizei diversos trabalhos, mas o mais desafiador foi coordenar a tutoria e vencer, a cada dia, os desafios do Moodle.

Figura 30: Material físico e Moodle



Fonte: Acervo pessoal.

As visitas aos polos foram tempos de trocas, de retornos.

Figura 31: Polo Araguari



Fonte: Acervo pessoal.

Figuras 32 e 33: Lagamar



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 34: Polo Patos de Minas



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 35: Polo Carneirinho



Fonte: Acervo pessoal.

O REL deu bons frutos: eventos, publicações, certificados, aprendizados, trocas, convivências, amizades. Grandes amizades! Enfim...

Figuras 36 e 37: Publicações resultantes do REL



Fonte:

https://diepafro.ufu.br/sites/diepafro.ufu.br/files//media/document/educacao_para_as_relacoes_etnico-raciais_neab_ufu.pdf

Outro projeto de que participei, e ainda participo, é o Cecampe Sudeste UFU.

Os Centros Colaboradores de Apoio ao Monitoramento e à Gestão de Programas Educacionais (Cecampes), diretamente vinculados ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), têm como objetivo principal incentivar, por meio de formação continuada, ações de acompanhamento do processo de adesão, de execução e de prestação de contas do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). São cinco os Cecampes em todo o território nacional: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste, sendo o da região Sudeste um projeto institucional, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A região Sudeste abarca cerca de 40.000 escolas e em torno de 15.000.000 estudantes¹⁸.

¹⁸ Fonte: Disponível em: <https://proexc.ufu.br/cecampesudeste/apresentacao>. Acesso em 13 jan. 2026.

Para alcançar os objetivos deste projeto, foram organizadas as seguintes câmaras:

- Câmara de Gestão em Acompanhamento e Extensão Tecnológica
- Câmara de Gestão em Multimídia
- Câmara de Gestão Dialógica e de Comunicação
- Câmara de Gestão em Execução e Políticas Institucionais
- Câmara de Gestão em Ações para Equidade e Diversidade
- Câmara de Gestão em Ações Pedagógicas
- Câmara de Gestão em Ações Articuladas

Além dessas, o projeto conta também com o Cecampe Atende e o Comitê Gestor.

Figura 38: Estrutura de Câmaras Cecampe Sudeste UFU



Fonte: <https://proexc.ufu.br/cecampesudeste/organograma>. Acesso em: 13 jan. 2026.

Todas essas câmaras/equipes realizam ações articuladas: contato com gestores de escolas da região Sudeste, organização de formações presenciais e assistência técnica, convênios com prefeituras e secretarias de ensino, organização de roteiros para viagens para formação e assistência técnica, divulgação das ações em diversas redes sociais, registro das ações, atendimento de dúvidas de modo remoto (Cecampe Atende), coleta e organização de dados, pesquisa, criação de cursos, elaboração de material didático e inserção de cursos no Moodle.

Participando da Equipe de Ações Pedagógicas e da Equidade, minha atuação nessa ação extensionista, dentre outras, é a supervisão de formação em ambiente virtual, lidando diretamente com os cursos no AVA¹⁹ Moodle e com os registros de ações em comunidades não diferenciadas e diferenciadas (quilombolas, indígenas e de assentamentos).

Essas duas equipes são responsáveis, dentre tantas outras coisas, pela elaboração e organização dos cursos ofertados nas modalidades presencial e a distância. Todos eles voltados para a formação de gestores, conselheiros e demais agentes envolvidos com a gestão descentralizada de ações voltadas para a gestão consciente e colaborativa dos recursos financeiros, em conformidade com as normativas operacionais vigentes à execução e ao acompanhamento dessas políticas.

Como os cursos de formação oferecidos pelo Cecampe Sudeste UFU têm como objetivo apoiar as políticas públicas do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) em toda a região Sudeste, também se pensa em como alcançar diferentes escolas, ou seja, as diferenciadas (quilombolas, indígenas e de assentamentos) e as não diferenciadas. Isso porque o recurso é o mesmo, mas o modo como aplicá-lo, de acordo com as necessidades culturais de cada comunidade, é um diferencial que o Cecampe Sudeste UFU vislumbra, uma vez que todas as suas ações levam em consideração três princípios: gestão democrática, equidade e educação social e etnicamente referenciada.

Esses princípios orientam o caminhar e a proposta de compartilhar

¹⁹ AVA: Ambiente Virtual de Aprendizagem.

conhecimentos – aprender, ensinar, trocar, ouvir –, respeitando cada escola e/ou comunidade a que chegamos. Isso porque, para além dos passos de adesão, execução e prestação de contas de recursos oriundos do PDDE, objetivamos contribuir para o impacto positivo que esses recursos podem gerar nas comunidades em que atuamos.

Para a modalidade EaD, foi organizada uma série de cadernos temáticos que conduzem o caminho formativo do participante pelos processos de adesão, execução, prestação de contas, gestão democrática, equidade e educação social, inclusiva e etnicamente referenciada, além de analisar a legislação vigente sobre os programas e as ações integradas do PDDE.

Figura 39: Ambiente de boas-vindas Cecampe - Moodle



Fonte: Captura de tela do Moodle do Cecampe Sudeste em acervo pessoal.

Figura 40: Sobre o curso Caminhos Compartilhantes com o PDDE

▼ Sobre o curso Caminhos Compartilhantes com o PDDE

O que é o curso Caminhos Compartilhantes com o PDDE?

O curso **Caminhos Compartilhantes com o PDDE** oferece uma formação completa sobre a gestão de recursos oriundos do PDDE, estruturada em duas modalidades:

- 1. Formação Inicial Completa (60 horas):** um percurso formativo abrangente que inclui todos os temas e minicursos relacionados ao PDDE;
- 2. Minicursos Independentes:** Você pode optar por realizar apenas os minicursos específicos de seu interesse, de acordo com suas necessidades e disponibilidade.

Importante: A escolha é sua! Você pode optar pela **formação completa** ou selecionar apenas os **minicursos** que deseja realizar. Vamos à **inscrição**?

Fonte: Captura de tela do Moodle do Cecampe Sudeste em acervo pessoal.

Figura 41: Estrutura formativa Tema 1: Adesão, execução e prestação de contas

▼ Estrutura dos Cursos

Conheça nossa estrutura formativa:

TEMA 1: ADESÃO, EXECUÇÃO E PRESTAÇÃO DE CONTAS

- Minicurso 1: **CONHECENDO O PDDE E SEUS DESDOBRAMENTOS (2h)**
- Minicurso 2: **CRIAÇÃO DA UEX E CONSTITUIÇÃO JURÍDICA (2h)**
- Minicurso 3: **PROCESSO DE ADESÃO AO PDDE (4h)**
- Minicurso 4: **EXECUÇÃO DOS RECURSOS DO PDDE (8h)**
- Minicurso 5: **PRESTAÇÃO DE CONTAS (8h)**

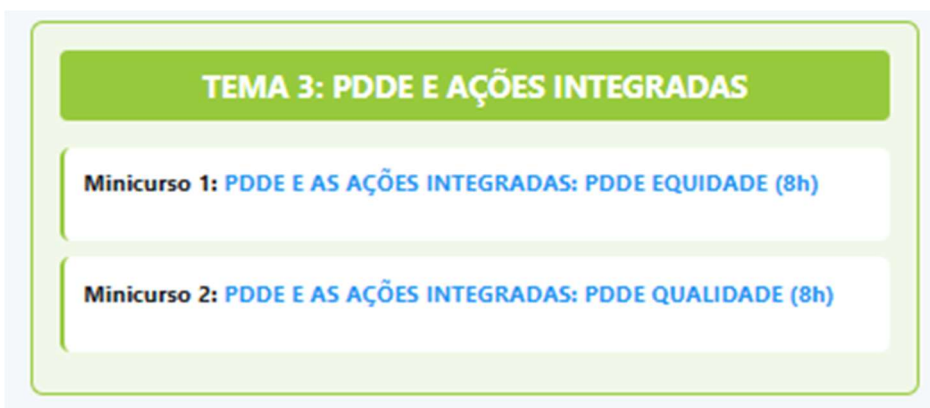
Fonte: Captura de tela do Moodle do Cecampe Sudeste em acervo pessoal.

Figura 42: Estrutura Formativa Tema 2: Gestão Democrática



Fonte: Captura de tela do Moodle do Cecampe Sudeste em acervo pessoal.

Figura 43: Estrutura formativa Tema 3: PDDE e Ações Integradas



Fonte: Captura de tela do Moodle do Cecampe Sudeste em acervo pessoal.

Figura 44: Lista de cursos EaD do Cecampe Sudeste no Moodle



Fonte: Captura de tela do Moodle do Cecampe Sudeste em acervo pessoal.

Quadro 8: Quantitativo certificados emitidos EaD – Cecampe Sudeste UFU

Certificados Emitidos EaD – Cecampe Sudeste UFU	
Nome do Curso	Certificados Emitidos
Trilhas no PDDE – Trilhas 1	60
Trilhas no PDDE – Trilhas 2	373
Trilhas no PDDE – Trilhas 3	88
Trilhas no PDDE – Trilhas 4	1477
Trilhas no PDDE – Trilhas 5	1389
Trilhas no PDDE – Trilhas 6	1250
Trilhas no PDDE – Trilhas 7	433
Trilhas no PDDE – Trilhas 8	195
Iniciante – Caminhos Compartilhantes com o PDDE	2591
Minicurso 1 – Conhecendo o PDDE e seus Desdobramentos – Tema 1: Adesão, Execução e Prestação de Contas	119
Minicurso 2 – Criação da UEx e Constituição Jurídica – Tema 1: Adesão, Execução e Prestação de Contas	44
Minicurso 3 – Processo de Adesão ao PDDE – Tema 1: Adesão, Execução e Prestação de Contas	33
Minicurso 4 – Execução dos Recursos do PDDE – Tema 1: Adesão, Execução e Prestação de Contas	482
Minicurso 5 – Prestação de Contas – Tema 1: Adesão, Execução e Prestação de Contas	468
Minicurso 1 – PDDE e Gestão Democrática no Âmbito da Legislação Brasileira – Tema 2: Gestão Democrática	68
Minicurso 2 – Inclusão e Diversidade Dialogada a Partir de uma Gestão Democrática na Escola – Tema 2: Gestão Democrática	41
Minicurso 3 – Censo Escolar e PDDE: Importância da Transparência de Dados Sobre a Escola – Tema 2: Gestão Democrática	25
Minicurso 1 – PDDE e as Ações Integradas: PDDE Equidade – Tema 3: PDDE e Ações Integradas	196
Minicurso 2 – PDDE e Ações Integradas: PDDE Qualidade – Tema 3: PDDE e Ações Integradas	183
Total de certificados emitidos	9515

Para a modalidade presencial, as temáticas seguem o mesmo princípio, porém com metodologias diferentes, inclusive com jogos.

Figura 45: Metodologia de jogos – Januária

Fonte: Acervo pessoal.

Quadro 9: Quantitativo de certificados emitidos atividades presenciais

DESCRIPTIVO ATIVIDADE PRESENCIAIS	2024	2025
Número de Certificações emitidas nas Formações Presenciais (Ituiutaba (87), Paracatu (132), Uberlândia (234), Pindamonhangaba (105), Patos de Minas (201), Monte Carmelo (123), Carapicuíba (119), São Mateus (421), Nova Friburgo (398) e Campinas (254) + Pindamonhangaba (100) + São José do Rio Preto (192) + Itapetininga (171) + Macaé (206))	1.001	1.742
Número de Certificações emitidas nas Assistências Técnicas para as escolas diferenciadas: SÃO MATEUS/ES E ARACRUZ/ES (8) + ARMAÇÃO DE BÚZIOS/RJ E CABO FRIO/RJ (30) + JANUÁRIA/MG E SÃO JOÃO DAS MISSÕES/MG (54) + PARACATU/MG (53) + MIRACATU/SP, ELDORADO/SP E IPORANGA/SP (21)		166
Número de Certificações emitidas nas demais Atividades Presenciais (Abertura Oficial Cecampe Sudeste (137) + Curso de Formadores Uberlândia e Ituiutaba (24) + Seminário de Avaliação Cecampe (18) + GEPEFE 2024 (104) + Encontro Nacional Cecampes (71) + Visitas Técnicas RJ (47))	354	47
Número de certificações emitidas nos Webinários , com destaque para 2024 com o Webinário BB Ágil (2024)	290 + 5.367	1.564
TOTAL	7.012	3.519

O quantitativo mostra o tamanho do projeto, o tamanho do trabalho... indicativos! Mas o que dizer do vivido? Bem... as histórias são tantas!

Ver os colegas, na região de Búzios e Cabo Frio (RJ), chegarem afobados, cansados... por quê? Correram de um boi. Isso... um boi. Olha ele aí, gente!

Figuras 46 e 47: Quilombo Maria Romana e seu boi

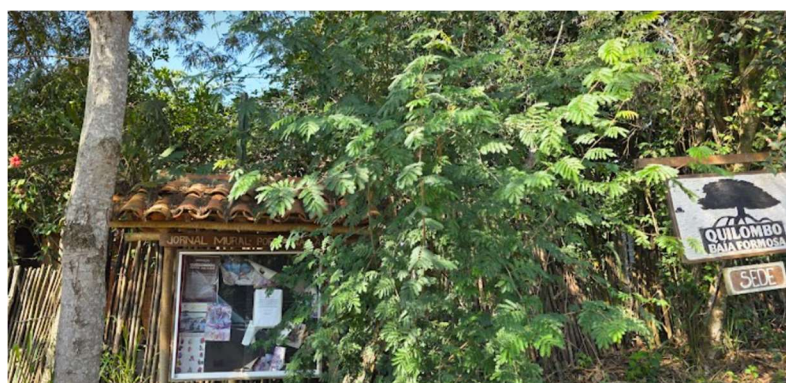


Fonte: Acervo pessoal.

Pensam que Búzios e Cabo Frio só têm praias? Não! Tem boi, tem memórias, superações, sonhos, comunidade quilombola que se alegra ao saber que é lembrada e que a gente chegou lá para falar daquilo com que tinha dificuldades. A vida pode mudar.

Correr de boi; participar de atividade quilombola!

Figura 48: Quilombo Baía Formosa - Búzios (RJ)



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 49: Quilombo em Cabo Frio (RJ)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 50: Escola em assentamento - São Mateus (RJ)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 51: Comunidade quilombola - São Mateus (RJ)



Fonte: Acervo pessoal.

Em todos esses encontros... adivinha? Ainda bem que correr de boi queima algumas calorias!

Figura 52: Refeições servidas em Assistência Técnica



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 53: Carro da Funai - Januária – Xakriabá



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 54: Painel – Comunidade Xakriabá



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 55: Adornos de uma indígena Xakriabá



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 56: Cocar do pajé Xakriabá



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 57: Nos caminhos de Januária



Fonte: Acervo pessoal.

Também comemos terra. Ops... mas isso não conta.

Passamos por muitas coisas no caminho de Januária. Por muitos lugares, dentre eles um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), um presídio e um cemitério. Não fomos detidos em nenhum deles. Enfim... ainda estamos aqui e continuaremos.

Figura 58: Centro de Atenção Psicossocial – a caminho de Januária



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 59: Presídio – a caminho de Januária



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 60: Cemitério – a caminho de Januária



Fonte: Acervo pessoal.

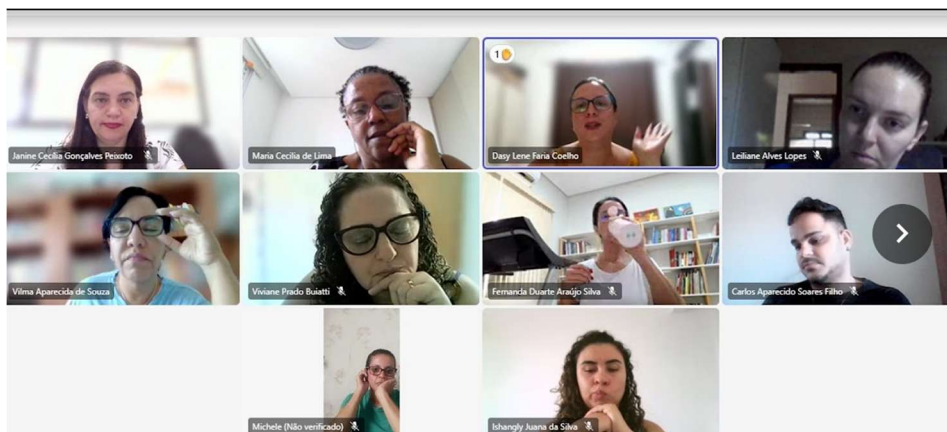
As reuniões presenciais em Uberlândia (MG) foram muitas: ajustes e abraços!

Figura 61: Reunião presencial – Equipe Cecampe Sudeste UFU

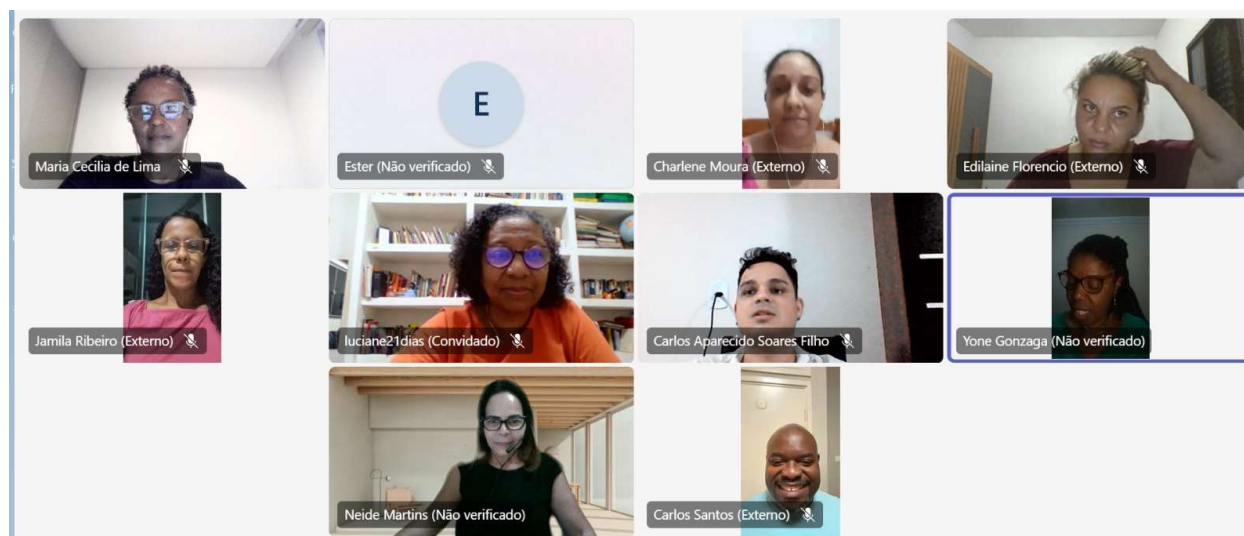


Fonte: Acervo pessoal.

Figura 62: Reuniões semanais online Câmara Pedagógica



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 63: Reuniões semanais online Câmara Equidade

Fonte: Acervo pessoal

Para a realização de todo esse trabalho, contamos com coordenações, assessorias, contatos com municípios e viagens. E bolsistas, bolsistas, bolsistas! Quantos e quão importantes são!

Acho que temos muitas histórias para contar. Poderíamos contribuir com certos programas televisivos: Que História É Essa, Porchat? e Avisa Lá que Eu Vou! Enfim...

2.4 Gestão

Em 2012, fui chamada à Diretoria do ILEEL. Fui “convidada” a ser coordenadora da graduação. Ao perguntar a uma colega servidora, que também havia sido minha aluna, o que se fazia na coordenação, ela disse: “ _ É muito fácil! Tem de assinar uns papéis, participar de reunião de conselhos. É fácil, fácil!”. Fui enganada! Disse a ela que, se ainda fosse minha aluna, ia “dar zero” para ela.

Aceitei. Com medo, mas aceitei. Mais uma vez, acolhida com delicadeza. Elezir, *in memoriam*, foi uma das doces figuras encontradas no Bloco G, na sala da Coordenação.

Mais histórias!

2.4.1 Coordenação de curso de graduação

Na coordenação, várias ações foram realizadas seguindo as Normas de Graduação e outras legislações e, mais do que isso, o que o humano, em especial o aluno, necessitava.

Nas reuniões de colegiado, analisávamos e votávamos os requerimentos relacionados a trancamento, regime especial de aprendizagem, organização de horário, inserção de disciplinas no sistema, para que outras instâncias, como a Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), pudessem dar andamento à organização de espaço, colação de grau, participação nos conselhos superiores, mudança de curso - sim, na época era uma única coordenação para as quatro línguas do curso: Inglês, Francês, Espanhol e Português. Era uma dinâmica diferente daquela que se tem atualmente (2026).

Quanto à participação nos conselhos superiores, duas coisas me marcaram muito. A primeira delas foi a votação da cessão da área do Campus do Glória para uma “invasão” lá instalada. Em uma das tratativas, as pessoas da “invasão” compareceram; muitos adultos e crianças também. Lembro-me do clima tenso, pois, para além do tema, havia, na copa, a preocupação de algumas pessoas com as crianças e com os alimentos. Sim, tinha lanche. Porém, os adultos “invasores” colocaram suas crianças sentadas no chão do corredor, em fila, próximas à copa, encostadas à parede. Muitas, muitas crianças.

Então... elas se portaram com uma educação refinada, até mais do que aquela que muitos participantes do conselho diziam ter. Esperaram, pacientemente, quietinhas, que cada porção de alimento chegasse às suas mãozinhas, naqueles corpos que, apesar de carregarem pouca idade, já traziam marcas que muita gente grande não consegue alcançar e, talvez, nem suportar. E os olhinhos! Como brilhavam! Se alguns participantes daquela sessão tivessem sensibilidade, teriam recebido uma grande lição. O Conselho votou pela permanência deles no Glória! Oh, Glória! Apesar das dificuldades da pobreza, poderiam ter um chão e um teto.

Outra coisa que vi na coordenação e no conselho é que há bastante gente adoecida na academia. Adoecida pelas demandas, pela fraqueza do ego, que impulsiona alguns a fazer tanto para que o outro os olhe com admiração e, assim, possam ter certa soberba. Enfim... quem nunca, que atire a primeira pedra.

Durante o período em que estive coordenadora, descobri tanto, tanto, que não cabe aqui. Coleguismo, amizade, verdadeiro trabalho em equipe: aprendi, naquele contexto, que eu podia errar. Sim. Sempre tive dificuldades com isso e aprender que eu podia errar, embora nunca o quisesse, foi e continua sendo uma das coisas mais mágicas que vivi e aprendi ali. E isso me abriu outras portas para uma vida com menos autocobrança.

Como coordenadora de curso, pude relatar, na segunda reunião do Conselho de Graduação (Congrad), em 14 de fevereiro de 2014 (Processo nº 140/2013), o Processo nº 23117.057300/2023-53, que tratava de normas para inclusão de conteúdos e atividades curriculares relacionadas à educação das relações étnico-raciais nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação (presenciais e a distância), da Escola de Educação Básica (ESEBA) e da Escola Técnica de Saúde (ESTES) da Universidade Federal de Uberlândia.

Antes de chegar a essa votação, o caminho foi longo. Participei de boa parte dele. Em 2006, ano da criação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UFU), houve solicitação de contratação de docentes para o cumprimento da Lei nº 10.639/03 (item 2 da ata do CONDIR), pois havia reserva técnica de vagas docentes a ser distribuída entre as unidades acadêmicas, de acordo com as necessidades específicas. O pedido foi negado. Houve recurso. Negado.

Após seis anos (item 3, Ata da Reunião 13/2012 - Congrad), um grupo de trabalho, envolvendo vários coordenadores de cursos e docentes, debruçou-se sobre a temática e continuou a solicitar providências de diferentes gestões da UFU. Em 2012, o assunto foi pautado. Em 2013, o parecer já negado foi novamente pautado. Nessa reunião, eu estava presente (Ata 4/2013 - Congrad). A inclusão de disciplinas obrigatórias em todos os cursos de graduação foi negada.

Na reunião 1/2014 do Congrad (item 8), fui a relatora do processo e houve pedido de vistas; o novo parecer foi aprovado (Ata da Reunião 2/2014 - Congrad), não sem resistência.

Em 2014, é aprovada a Resolução nº 04/2014 do Congrad, que “estabelece a inclusão de conteúdos e atividades curriculares concernentes à Educação das Relações Étnico-Raciais e Histórias e Culturas Afro-Brasileiras, Africanas e Indígenas, nos Projetos Pedagógicos da Educação Básica, da Educação Profissional Técnica de Nível Médio e da Educação Superior da Universidade Federal de Uberlândia, e dá outras providências.”²⁰

Uma luta que começou em 2006 e que somente em 2014 assumiu uma forma inicial.

Na coordenação, eis que, um dia, chega uma mensagem: visita do MEC, *in loco*! Burburinho!

Esse foi outro acontecimento que, apesar de esperado, causou!

Passado o susto, começamos a trabalhar para organizar tudo o que era necessário para a visita dos avaliadores do MEC, seguindo o cronograma enviado, pois disso também dependia a nota do curso.

Organizamos tudo e, naquele tempo, tudo impresso!

Para essa organização, seguimos o “Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação – presencial e a distância”²¹. Toda a equipe da coordenação se envolveu. Sim, se envolveu e não foi apenas envolvida, pois os colegas eram e ainda são muito presentes e participativos.

Deixamos à disposição da comissão do MEC os documentos solicitados.

²⁰ <https://prograd.ufu.br/legislacoes/resolucao-no-042014-do-conselho-de-graduacao-inclusao-de-conteudos-etnico-raciais>

²¹ https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2012/instrumento_com_alteracoes_maio_12.pdf

- documentos institucionais (estatuto, regimento, resoluções, conta de luz...);
- Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI);
- documentos do curso (Projeto Político-Pedagógico, portaria de nomeação da coordenadora do curso, composição do colegiado, atas do colegiado comprovando a participação discente, documentos do estágio...).

Além da análise de documentos impressos, houve reuniões separadas com docentes, discentes e com outros setores da universidade, como o Setor de Estágio (SESTA). Os itens citados foram apenas alguns. Muita coisa foi preparada. Preparamos tudo. Inclusive o pão de queijo!

Figura 64: Material preparado para a visita do MEC



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 65: Material preparado para a visita do MEC



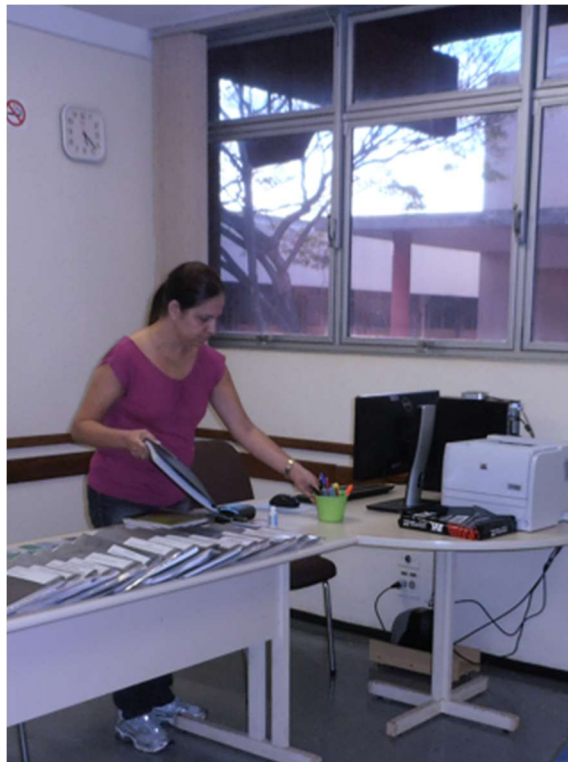
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 66: Material preparado para a visita do MEC



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 67: Elezir Buso, técnica-administrativa, *in memoriam*



Fonte: Acervo pessoal.

O resultado? Uma boa avaliação!

Muito trabalho diário. Muitos aprendizados. Passei a entender melhor a universidade a partir dessa experiência. Como foi boa!

O tempo passou e chegou o momento de decidir se sairia ou seria reconduzida. Deixei a coordenação, bastante cansada de tantas coisas, decidida a me aposentar assim que fosse permitido, ao contrário do que sempre dizia: que me aposentaria só na compulsória. Mas, como não conseguia me imaginar sem uma atividade laboral, pensei em fazer outro curso superior. Pensei em voltar aos traços e às cores e fazer Arquitetura. Mas fui pinçada pela Psicologia. As análises de tantos discursos, assim como as tantas oitivas das dores daqueles que se achegavam a mim, contribuíram para essa escolha.

Ao iniciar o curso de Psicologia, tomei um enorme susto. Na convivência com os alunos, muitos jovens e outros nem tanto, pude ser tocada pelas dificuldades de quem chega ao ensino superior. Foi um choque! Eu me achava uma professora muito bem relacionada com meus alunos e que os entendia. Ledo engano. Não percebia o quanto estava acomodada na minha zona de conforto e, de lá, olhando para os outros. Ficar ali, na sala de aula, do outro lado, me permitiu me refazer como professora, no modo como olho para o aluno, e repensar o meu papel na formação dele. Como esse choque foi bom! O meu ar de arrogância foi questionado por mim mesma. Senti necessidade de me rever.

Ao mesmo tempo em que cursava Psicologia, fui chamada à Reitoria da UFU. E começa outra fase do meu trabalho na gestão. Passemos a ela.

O pouso não foi como o planejado. Arremeteu!

2.4.2 Coordenação Proexc

Ao deixar a coordenação de curso, cansada e já não mais decidida a me aposentar na compulsória, fui até a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep) para saber quanto tempo faltava para me aposentar. Literalmente, entrei em crise

existencial ao saber que, à época²², faltavam sete anos para eu alcançar esse direito. Pensei que o tempo havia passado rápido demais, que eu havia feito pouco. Como assim? Mas, como eu costumava dizer, comecei a me preparar para “pousar”. Mas eis que, por uma amiga, fui chamada à Reitoria. Sim, Reitoria e não Diretoria.

Mais uma vez... ahhh... é tudo muito tranquilo! Bem...

No período de 2017 a 2025, estive na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), mais especificamente na Escola de Extensão (ESEXC), ora como coordenadora de Extensão, ora como assessora da Direção.

À época, na ESEXC – vinculada à Diretoria de Extensão (Direc) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc/UFU) –, trabalhávamos com formação. A Escola também era responsável pela sequência dos trâmites dos editais, desde a emissão da portaria da comissão de trabalho e a seleção de pareceristas até o momento da publicação dos resultados, parciais e finais, de todo o processo, por meio da atuação conjunta de seus setores: Setor de Informações e Registro de Extensão (SIEX) e Setor de Formação Continuada de Professores (Rede de Extensão da UFU)²³.

Figura 68: Complexo de Extensão e Cultura Olívia Calábria - Rede de Extensão



Fonte: Acervo pessoal.

²² Isso, antes da reforma.

²³ <https://proexc.ufu.br/servicos/escola-de-extensao>

A partir das responsabilidades a mim atribuídas em função da atuação na ESEXC, participei de vários trabalhos: elaboração da Resolução nº 25/2019 (Política de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia); planejamento, elaboração e execução de todo o processo seletivo do Edital do Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade (PEIC); participação em comissão para análise de propostas de editais do Programa Institucional de Apoio a Eventos de Extensão (PIAEV); participação na Comissão da Rede de Extensão; participação em processos seletivos do Edital do Programa de Extensão ESTES; participação na Comissão Técnica responsável pelo planejamento, elaboração e execução de todo o processo seletivo de editais do Prêmio Destaque de Atividades Extensionistas “Paulo Freire”; emissão de pareceres de projetos cadastrados no SIEX; oferta de cursos de formação para a extensão e elaboração de material. Um dos cursos foi online, e o material ainda está disponível para acesso. O programa desenvolvido foi o seguinte.

Módulo 1: ([link](#))

- Legislações pertinentes à extensão
- Sistema de Informação de Extensão (SIEX): construção/cadastro
- Tramitação/deferimento e finalização (relatório final e certificação)

Módulo 2: ([link](#))

- Linhas de fomento para as atividades de extensão e projetos de cultura
- Relacionamento com as fundações da UFU
- Financiamento das atividades por meio da matriz orçamentária
- Prestação de contas da atividade extensionista com fomento

Módulo 3: ([link](#))

- Análise e parecer para deferimento de atividade extensionista cadastrada no SIEX

Módulo 4: ([link](#))

- Objetivos do PEX
- Orientações de construção do PEX

Módulo 5: (momento assíncrono)

- Levantamento de dúvidas

Módulo 6: ([link](#))

- Rede de conversa: dúvidas e questões abordadas no curso

No modelo presencial, os cursos ministrados foram os apresentados no quadro a seguir:

Quadro 10: Cursos oferecidos pela Escola de Extensão

Cursos Oferecidos pela Escola de Extensão			
Ano	Mês	Nome do Curso	Campi/Cidade
2018	30/01	Curso SEI Básico e Instrumental	Uberlândia
	08/05 e 09/05	Curso SEI Instrumental	Uberlândia
	14/05	Curso conversando sobre a importância da extensão na formação acadêmica e social de universitários	Monte Carmelo
	17/05	Curso SEI Básico	Uberlândia
	21/05	Curso Organização de uma Coordenação de Extensão (COEXT)	Uberlândia
	11/06	Curso Formação Inicial Pareceristas internos PROEXC	Uberlândia
	15/06	Curso SEI Básico	Uberlândia
	18/06	Formação Inicial Pareceristas Externos – SIEX	Uberlândia
	04/07	Curso Cadastro de Projetos de Extensão no SIEX	Uberlândia
	05/07	Formação Inicial Pareceristas Externos – SIEX	Monte Carmelo
	21/08	Curso Cadastro de Projetos de Extensão no SIEX	Monte Carmelo
	09/10	Curso Cadastro de Projetos de Extensão no SIEX	Patos de Minas
	26/10	Oficina de Orientações Gerais sobre Orçamento para a PROEXC	Uberlândia
	20/12	Elaboração de processos de compras	Uberlândia
	27/10	Curso conversando sobre a importância da extensão na formação acadêmica e social de universitários	Uberlândia
2019	30/03	Curso conversando sobre a importância da extensão na formação acadêmica e social de universitários	Uberlândia
	01/04	Curso conversando sobre a importância da extensão na formação acadêmica e social de universitários	Uberlândia
	01/04	Curso conversando sobre a importância da extensão na formação acadêmica e social de universitários	Monte Carmelo
	01/04	SEI Instrumental: Noções Básicas	Patos de Minas
	01/04	SEI Instrumental: Noções Básicas	Monte Carmelo
	22/04	Formação de Pareceristas Externos SIEX-UFU	Uberlândia
	23/04	Formação de Pareceristas Externos SIEX-UFU	Pontal/Ituiutaba
	25/04	Formação de Pareceristas Externos SIEX-UFU	Monte Carmelo
	25/04	Formação de Pareceristas Externos SIEX-UFU	Patos de Minas
	08/05	Preenchendo Projeto no SIEX	Pontal/Ituiutaba
	22/05	Preenchendo Projeto no SIEX	Monte Carmelo
	29/05	Preenchendo Projeto no SIEX	Uberlândia
	04/06	Conversando sobre a Importância na Formação	Pontal/Ituiutaba
	09/06	SEI Instrumental: Noções Básicas	Uberlândia
	10/09	Conversando sobre a Importância na Formação	Uberlândia
	23/09	SEI Instrumental: Noções Básicas	Uberlândia
	22/10	Formação de Pareceristas Externos SIEX-UFU	Uberlândia
	04/11	Preenchendo Projeto no SIEX	Uberlândia

E fizemos tantas, tantas outras coisas!

Bem, fiquei assessora, coordenadora de Extensão, assessora. A jornada foi longa e muito boa. Conheci muitas pessoas. Boas pessoas com as quais trabalhamos com afinco para a melhor organização da extensão, bem como para a sua valorização²⁴.

²⁴ “A Maria Cecília de Lima participou da implementação da Escola de Extensão, da Pró-Reitoria de

Com o trabalho realizado nesses anos, as progressões foram acontecendo:

Quadro 11: Progressões

Progressão para	Pontuação obtida	Portaria	Processo SEI
Classe D - Nível 2	1.522,14	Progep 1203 – 18/04/2019	23117.091926/2018-21
Classe D - Nível 3	1592,00	Portaria de Pessoal UFU n. 804, de 02/03/2021	23117.004173/2019-11
Classe D - Nível 4	1998,30	Portaria de Pessoal UFU n. 2225, de 27/04/2023	23117.000761/2023-54

Enfim...

Figura 69: Convivências na Proexc



Fonte: Acervo pessoal.

Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia. Atuou como Assessora da Diretoria de Extensão e como Coordenadora da Escola de Extensão, trazendo planos e ideias para os Cursos de Formação em Extensão, como os Dias de Extensão, fortalecendo e organizando da Rede de Extensão, contribuindo na elaboração do Regimento e do Planejamento Estratégico da Rede de Extensão, dando apoio como parecerista das atividades registradas no Sistema de Informação de Extensão (SIEX) e nos editais de fomento da extensão - PEIC e PIAEV.” (Texto de Ana Angélica Belório – integrante da equipe Proexc).

Figura 70: Convivências na Proexc



Fonte: Acervo pessoal.

Na Proexc, tive outros aprendizados que reforçaram tudo de bom que já havia aprendido nas ações de ensino, de extensão, nos colegiados e na Coordenação de Curso. Fizemos bastante em uma gestão de dois mandatos. Produzimos muito. Somamos e continuamos somando muitas coisas.

Entramos na universidade com um imaginário voltado ao ensino e à pesquisa. Quanto engano! No meu caso, a extensão e a gestão me pegaram. Gostei! Gosto! Gosto muito!

Parece o fim do agora, né? Mas não. Ainda continua. Continua!

Neste memorial, registrei tudo o que fiz até aqui? Não. Anotei apenas aquilo que me tocou, tendo muitas coisas ficado apenas no fundo da lembrança, e não na

anotação. Isso porque o caminho que tomei fez brotar algumas coisas, enquanto outras continuaram “na caixinha”.

Daquilo que disse no início, ficam as mudanças. Aliás, não exatamente mudanças, mas sim um movimento de construção, reconstrução e misturas transformadoras: de meu pai (lateiro-caminhoneiro), de minha mãe (professora-assistente social) e as minhas (desenhista-professora-psicóloga).

E hoje, para onde foram os traços e as réguas? Curvaram-se em linhas que unem tudo o que vivi e fiz até aqui — e o que ainda farei. Ahhh... sim... farei! Enfim... e não fim!

CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

O PORVIR

Neste capítulo, **O Porvir**, dedico-me a tentar dizer algo sobre o que pode vir entre a data de apresentação deste memorial, o longo depois, a aposentadoria e o que virá depois dela.

O que dizer do porvir? No Antes, no entre, no Depois, os acontecimentos foram muitos. Todos contribuíram e contribuem para a minha formação profissional contínua e para a minha humanização constante. Tão acostumada ao trabalho, não sei dizer muito sobre o que escapa, o que vai além desse âmbito. Enfim... essa sou eu!

Apesar disso, não vou repetir o discurso de que, de agora em diante, quero produzir mais. Há algum tempo, venho espreitando a filosofia poética de Manoel de Barros e querendo aprender com ele. Não quero ser importante. Quero continuar sendo útil — não como objeto, mas como alguém que faz um pouco de diferença na vida do outro. Isso, na academia e fora dela. Isso feito, valeu demais a pena!

Em assim pensando, busco ouvir sensivelmente as miudezas da existência, que, juntas, tecem toda uma vida. Esse é o plano. Ouvir aquilo que, para um outro, possa parecer insignificante, aquilo que possa parecer improdutivo, simples demais, fora da razão, passará, também, a ser o meu importante.

Essa escuta já se dá nas salas de aula, em especial, e, no tempo em que vier a aposentadoria, nos atendimentos que a Psicologia já me autoriza²⁵. No porvir, quero ser psicóloga, sem misturar tudo na sala de aula, como agora, mas, quem sabe, atendendo aqueles que, por estarem em sala, necessitam de escuta e de suporte.

Novos discursos! Novas transformações! Novos...

²⁵ Maria Cecília de Lima CRP 04/ 60808, desde 12/01/2021.

Saio dessa empreitada mais consciente de meus pontos fortes e fracos, que hoje chamam de pontos para melhoria. Saio, ainda, mais tranquila pela trajetória trilhada e revivida. Não fiz tudo, não tirei dez, mas... no resgate dos traços que, junto das letras, dos discursos ouvidos e falados, das memórias, constituíam/constituirão “uma nova de mim” a cada tempo de trajetória e de projetos que, em execução, um dia chegarão a seu fim. Talvez, um dia, memória!

Quanto ao Lattes... ahhh... esse Lattes! Nele não cabem as emoções, os afetos. Não cabem! Infelizmente. Aqui, bastantes afetos! Cheguei ao fim, ao fim do memorial, apenas dele. E aqui teço algumas considerações sobre os sentidos tecidos nessa narrativa.

A vida não é vivida em linha reta. Não há como saber, de antemão, os exatos caminhos pelos quais passar. Se assim fosse, seria muito fácil. Para mim, foi e não foi. Foi fácil pelas pessoas encontradas ao longo do caminho, desde o início. Foi difícil pelos desafios enfrentados, que me fizeram crescer e amadurecer. Sem eles, a trajetória não teria sido tão boa quanto foi, é e ainda será.

Nesse caminho, fui pinçada pelo ser professora e, apesar de, em certa ocasião, ter desejado deixar de sê-lo, nunca me vi em outro lugar.

São tantas outras coisas que poderiam ser ditas, relatadas: cursos EaD, grupos de trabalho e de pesquisa, congressos, orientações, bancas, visitas técnicas, trabalhos realizados com portaria... Mas muitas se perderam, não só na memória, mas também na comprovação necessária às instituições, e já me pesa nos ombros o buscar por tudo o que ainda há. Pesa porque foi difícil? Ruim? Não. Pesa porque foram muitos os afetos, e isso precisa ser revisto com mais calma, com mais delicadeza, com mais introspecção.

Sei que, em outros memoriais, colegas e amigos fizeram carinhosas citações literais a meu nome. Todavia, apesar de eu não ter citado tantos nomes, todos sabem que estão aqui. Recebam meu afeto e minha gratidão!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcia Maria de. **Ensino com o gênero conto**: contribuições da análise de discurso crítica para a implementação da Lei 10.639/03. 2015. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.410>.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 982, de 3 de outubro de 2013**. Estabelece as diretrizes gerais para fins de promoção à Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior e classe de Titular da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 out. 2013. Seção 1, p. 22.

FAIRCLOUGH, Norman (ed.). **Critical Language Awareness**. London: Longman, 1992b.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992a.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

FROSSARD, Lúcia Machado de Almeida. **O escaravelho do diabo**. São Paulo: Ática, s/d. (Coleção Vaga-Lume).

LIMA, Maria Cecília de **Linguagem e identidade da mulher no contexto da escola e da família**. 1997. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

PESSOA, Fernando (Álvaro de Campos). Poema em linha reta. In: PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. [S.l.: s.n.], [s.d.].

SILVA, Benvinda Domingues da; LIMA, Maria Cecília de. A importância dos contos infantis na constituição da identidade do negro. In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO, João Gabriel do (org.). **Educação para as relações étnico-raciais**: outras perspectivas para o Brasil. 1. ed. Uberlândia, MG: Editora Gráfica Lops, 2012. p. 3-22.

SILVA, Caroline Costa. **Os gêneros anúncio publicitário e anúncio de propaganda**: uma proposta de ensino ancorada na análise de discurso crítica. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.407>.

SOUSA, Mauricéia Lopes Nascimento de. **O protagonismo de personagens negros em contos infantis**: contribuições da análise do discurso crítica para o ensino de língua portuguesa em uma classe hospitalar. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.325>.

STREET, Brian V. **Cross-Cultural Approaches to Literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

STREET, Brian V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TELES, Maria José Dupré. **Éramos Seis**. 39. ed. São Paulo: Ática, 2018. (Coleção Vagalume).

UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Conselho de Graduação. **Resolução nº 04, de 2014**. Estabelece a inclusão de conteúdos e atividades curriculares concernentes à Educação das Relações Étnico-raciais e Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Africana e Indígena, nos Projetos Pedagógicos da Educação Básica, da Educação Profissional Técnica de Nível Médio e da Educação Superior da Universidade Federal de Uberlândia, e dá outras providências. Uberlândia, 2014.

UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Conselho Universitário. **Resolução nº 25, de 14 de junho de 2019**. Estabelece a Política de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia e dá outras providências. Uberlândia, 2019.

UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Conselho Universitário. **Resolução nº 25, de 14 de junho de 2019**. Estabelece a Política de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia e dá outras providências. Uberlândia, 2019.

ANEXOS

- [Avaliação Docente](#)
- [Portarias](#)
- [Alguns trabalhos desenvolvidos com colegas](#)
- [Relatório Doutorado Sanduíche](#)

Relatórios de Progressão:

- [Relatório de Atividades Desenvolvidas entre 2009 e 2010](#)
- [Relatório de Atividades Desenvolvidas entre Janeiro de 2010 e Janeiro de 2011](#)
- [Relatório de Atividades desenvolvidas entre 23.01.2011 e 22.06.2011](#)
- [Relatório de Atividades desenvolvidas entre 22/01/2011 e 22/01/2013](#)
- [Relatório de Atividades desenvolvidas entre 23/01/2013 e 23/01/2015](#)
- [Relatório de Atividades desenvolvidas entre 24/01/2015 e 23/01/2017](#)
- [Relatório de Atividades desenvolvidas entre 2017 e 2019](#)
- [Relatório de Atividades desenvolvidas entre 22 de janeiro de 2019 e 21 de janeiro de 2021](#)
- [Relatório de Atividades desenvolvidas entre 22 de janeiro de 2021 e 22 de janeiro de 2023](#)